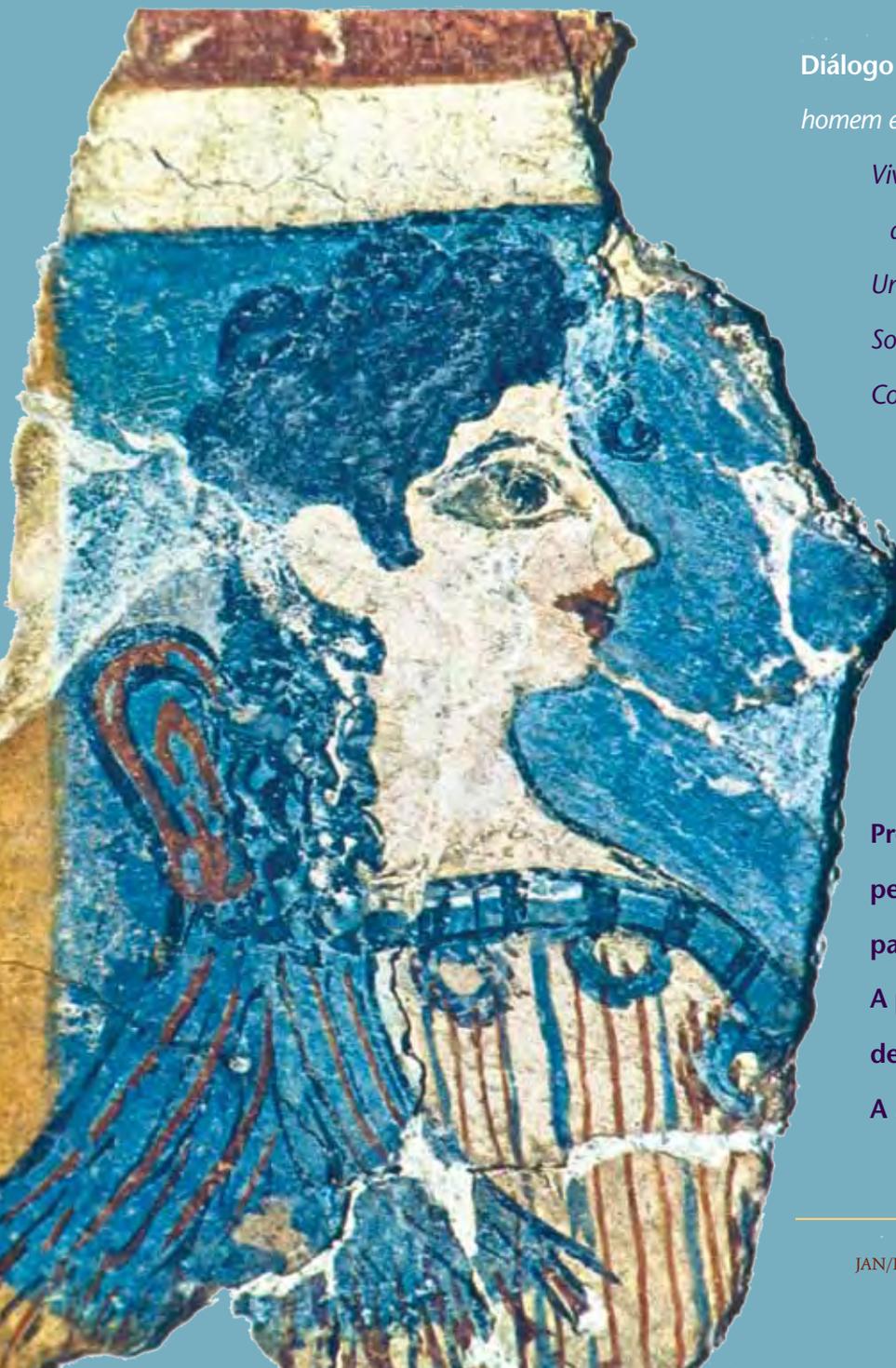




# pentagrama

Lectorium Rosicrucianum



**Diálogo** *Uma conversa sobre a criação, o homem e a linguagem da alma*

*Vivemos em diálogo: tudo fala dentro de nós*

*Uma conversa sobre a criação*

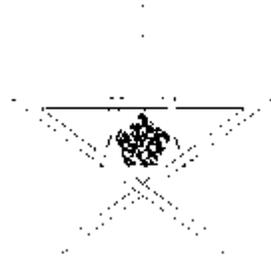
*Sobre o homem*

*Conversa consigo mesmo*

**Profundidade, silêncio, pensamento, consciência, palavra**

**A profundidade da palavra de Giordano Bruno**

**A Edda: O destino dos deuses**

**Editor responsável**

A. H. v. d. Brul

**Linha editorial**

P. Huis

**Redatores**

C. Bode, A. Gerrits, H.P. Knevel, G.P. Olsthoorn,  
A. Stokman-Griever, G. Ujlée, I.VV. van den Brul

**Redação**

Pentagram  
Maartensdijkseweg 1  
NL-3723 MC Bithoven, Países Baixos  
e-mail: pentagram.lr@planet.nl

**Edição brasileira**

Pentagrama Publicações  
www.pentagrama.org.br

**Administração, assinaturas e vendas**

Pentagrama Publicações  
C.Postal 39 | 3.240-000 Jarinu, SP  
livros@pentagrama.org.br  
assinaturas@pentagrama.org.br  
Assinatura anual: R\$ 80,00  
Número avulso: R\$ 16,00

**Responsável pela Edição Brasileira**

M.D. Eddé de Oliveira

**Revisão final**

M.V. Mesquita de Sousa

**Coordenação, tradução e revisão**

M.J. Versiani, M.M. Rocha Leite, L.M. Tuacek,  
M.B. Paula Timóteo, A.C. Gonzalez Jr.,  
D.B. dos Santos, J. Jesus, U.B. Schmidt,  
M.S. Sader, M. Mölder, R.D. Luz, F. Luz

**Diagramação, capa e interior**

D.B. Santos Neves

**Terceira capa**

H. Rogel

**Lectorium Rosicrucianum****Sede no Brasil**

Rua Sebastião Carneiro, 215, São Paulo - SP  
Tel. & FAX: (11) 3208-8682  
www.rosacruzauarea.org.br  
info@rosacruzauarea.org.br

**Sede em Portugal**

Travessa das Pedras Negras, 1, 1º, Lisboa  
www.rosacruzlectorium.org  
escola@rosacruzauarea.org

© Stichting Rozekruis Pers  
Proibida qualquer reprodução sem  
autorização prévia por escrito

ISSN 1677-2253

## Revista Bimestral da Escola Internacional da Rosacruz Áurea Lectorium Rosicrucianum

A revista **Pentagrama** dirige a atenção de seus leitores para o desenvolvimento da humanidade nesta nova era que se inicia.

O pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele é também o símbolo do Universo e de seu eterno devir, por meio do qual o plano de Deus se manifesta. Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, está no caminho da transfiguração.

A revista **Pentagrama** convida o leitor a operar essa revolução espiritual em seu próprio interior.

# pentagrama

ano 33 número 1 2011

O Upanixade Taittiriya, de milhares de anos, remete-nos ao tema desta edição da revista Pentagrama:

“Para que o conhecimento surja é necessário tanto um mestre quanto um aluno. Além disso também é necessário um terceiro fator: um diálogo ou debate.”

O poderoso arquétipo do homem original, semeado na matéria,

é animado nesses diálogos

e demonstra, cada vez mais,

ao final de um desenvolvimen-

to ao longo

de eras, seus

maravilhosos con-

tornos. O homem

verdadeiro dispõe

de uma consciência

plena, da Gnosis.

Miquelângelo,

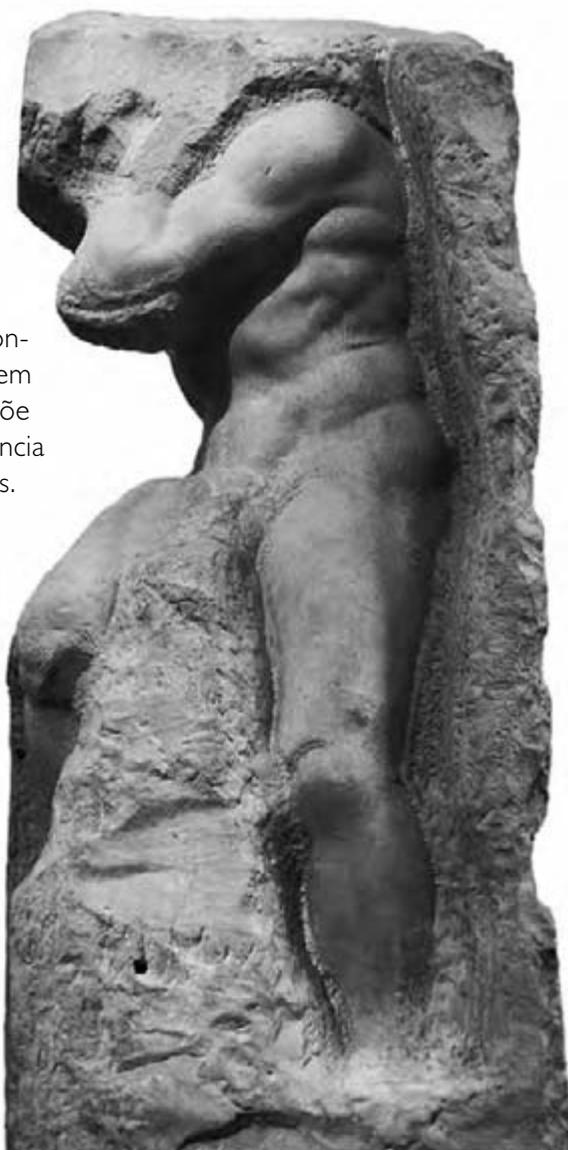
em seu diálogo

com a pedra,

nos mostra a

gênese desse

ser.



## sumário

diálogo uma conversa sobre a criação,  
o homem e a linguagem da alma 2

a essência e o efeito do onimovimento:  
diálogo geral entre hermes e asclépio 6

j. van rijckenborgh

vivemos em diálogo:

tudo fala dentro de nós 13

uma conversa sobre a criação 21

sobre o homem 26

conversa consigo mesmo 34

o destino dos deuses 40

uma boa conversa 44

a profundidade da palavra de  
giordano bruno 47

Capa : Afresco do palácio do rei Minos em Cnossos (Creta) que expressa a atmosfera e a atitude de espírito correspondentes ao tema deste número da revista Pentagrama: diálogo com o outro, diálogo consigo mesmo.

# diálogo

O tema deste número é *Diálogo: uma conversa sobre a criação, o homem e a linguagem da alma*. Todos os que se sentiram interessados por essas palavras que representam ideias fundamentais perceberão que o diálogo que aqui iniciamos é algo que vai além de uma simples troca de pontos de vista.

Imaginemos que, ao abrir esta revista, estamos entrando em um espaço comunitário, e que vamos preenchê-lo inteiramente com nosso tempo, nossos pensamentos, nosso desejo de conhecimento e compreensão, e, talvez, nossa fome de libertação, de liberdade. Neste espaço tudo está presente, tudo é possível. Ele é extremamente efervescente, concretamente ativo e trêmulo de energia – como uma criança na véspera do dia de seu décimo aniversário. Porém, ainda não há nada concretizado. Uma simples exposição oral deixaria o assunto menos incisivo, menos expressivo. Um debate o transformaria em um campo de batalha. Um diálogo é exatamente o oposto: ele traz em si o espaço fértil onde cada participante se torna mais rico, adquire mais experiência e se sente “religado” ao assunto. Um diálogo sempre acontece em determinado nível. Além disso, faz com que tudo o que existe nesse espaço se torne livre, visível e concreto. A palavra “diálogo” (do grego *diálogos*) significa “o que é transmitido por meio da palavra”, e, no caso presente, “por meio do que está escrito”.

Geralmente o que mais pesa em um diálogo são os argumentos racionais. Porém, a maioria perde seu objetivo exato ou se transforma em uma conversa sem fim porque o encadeamento da argumentação não é bem feito – e isso acontece até no que chamamos de “diálogo aberto”.

Nos diálogos clássicos de Platão, vemos como Sócrates direciona seus interlocutores por meio de perguntas – não como um detetive,

mas sim como um interrogador respeitoso, baseado na verdade, que é sempre fundamentada em uma ideia bem estabelecida ou evidente.

O que permite a Sócrates direcionar seus diálogos é sua riqueza interior de bom senso e sabedoria. Conhecendo bem os preconceitos e a mentalidade superficial de seus interlocutores, ele não formula seus pensamentos de forma doutrinária. Pelo contrário: ele se esforça para demonstrar que, por meio do diálogo, pode ajudar seu interlocutor a alcançar uma compreensão superior ou mais sutil. Quem registrou essas conversas por escrito foi Platão. Por isso, é natural que nos perguntemos se elas realmente aconteceram.

Além desses diálogos gregos que se mostram sempre tão convincentes, há os *Diálogos italianos* de Giordano Bruno (que, geralmente não acontecem somente entre duas pessoas). O que esses diálogos têm de muito especial é a característica de abordarem questões vitais essenciais e muito modernas para a época, tratando dos mesmos valores.

Com seu raciocínio que demonstra uma mentalidade liberta, com muita erudição e

**Dresses.** As abstrações do artista americano Derrick Hickman de Grove City, Ohio (EUA), colocam-se entre o espectador e a história que o quadro narra, “da mesma forma que o romantismo, o ego e o exagero (drama) falsificam nossas lembranças”.



# DIÁLOGO, UMA CONVERSA SOBRE A CRIAÇÃO, O HOMEM E A LINGUAGEM DA ALMA





**Leis em escrita cuneiforme**, por volta de 3000 a.C.

humor, Bruno dá aos novos conceitos europeus a oportunidade de ir além dos diálogos platônicos – e, de maneira especial, do pensamento de Aristóteles. Giordano Bruno destaca a importância da sabedoria egípcia, no início de nossa era, que também foi retransmitida sob a forma de diálogo, por Hermes Trismegisto, entre outros.

Essa forma concentrada de rerepresentar o antigo ensinamento egípcio realmente demonstra que o pensamento grego é apenas “uma criança pequena quando comparado à sabedoria egípcia”: Sólon já havia percebido isso cinco séculos antes.

Hermes também nos oferece um ponto de vista racional. Com base no entendimento do

qual ele dá testemunho – com base na Gnosis, que é sempre luz, força, conhecimento, incorporeidade – ele transmite um ensinamento magistral. É esse ensinamento que revela o conhecimento, ou Gnosis, durante as conversas com seus alunos. Quanto a esse conhecimento abarcante e profundo, não se trata de um conhecimento intelectual comum: cada um de seus interlocutores é um aluno iniciante.

Podemos qualificar de “horizontal” um diálogo entre pessoas semelhantes, que se baseiam nos mesmos valores. Os diálogos que acontecem dentro de uma estrutura hierárquica podem ser vistos como “diálogos verticais” – especialmente quando se trata de um diálogo interior, como o que o maravilhoso *Pimandro*, de Hermes, nos faz vislumbrar. Pimandro é nosso espírito interior, nossa natureza espiritual intrínseca. Se quisermos ter um “diálogo aberto”, ele nos ensinará sabedoria e conhecimento: a Gnosis.

A revista **Pentagrama** mostra como podemos ter um diálogo vertical, ou seja, um diálogo espiritual com nosso interior. Quando a razão, a lógica, a comunicação e o intercâmbio transcendem os pensamentos cotidianos, tanto os diálogos verticais como os horizontais têm sua importância: têm a vantagem de ser, ao mesmo tempo, comunicação interior e comunicação entre duas pessoas. Para Hermes, o que é necessário para progredir são as oposições, e não os posicionamentos. Por sua vez, na Europa, Nicolau de Cusa (1401-1464) já falava da “uni-

Como a memória dos homens expressa o pensamento em palavras, também podemos dizer: a palavra é o instrumento do espírito para transmitir pensamentos. Essa afirmação é verdadeira em diversos níveis. Os pensamentos tornam-se visíveis pela escrita. As palavras soam e formam um fluxo vivo de pensamentos. As letras formam as palavras no domínio material e formatam a imagem que se expressa na palavra, e a palavra carrega o pensamento. Assim se instaura o diálogo.

dade dos contrários”. Desse modo, forma-se uma cruz, cujo centro é como uma janela que se abre para a dimensão espiritual da grandiosa realidade. É assim que nós, leitores, preparamos nossa razão, nosso interior, para ser “o espaço para um diálogo vivente”, uma cruz... Desse modo, com sabedoria, nós nos tornaremos conscientes da unidade final das contradições que reinam dentro de nós. Quando procedemos desse modo, o diálogo começa a acontecer, estrutura-se, e há um intercâmbio: dialogamos com nosso interior.

Este número da revista **Pentagrama** oferece pedras de construção que podem ajudar-nos a tomar consciência de tudo isso. Graças a vários exemplos de diálogos do tipo horizontal ou vertical, tentaremos ilustrar esse tema, de Sócrates a Jacob Boehme, de Platão a Giordano Bruno, e também com diálogos modernos. A sabedoria universal sempre se apresenta de modo muito variado. Por exemplo: nas escrituras orientais como o *Mahabharata* (do qual faz parte o *Bhagavad Gita*), os *Vedas*, a literatura taoísta e outros numerosos escritos. Todos esses textos mostram que, não importando o seu grau de autonomia, todas as almas sempre têm necessidade de um interlocutor com quem possam dialogar e trocar ideias. Em suas obras, J. van Rijckenborgh demonstra que a “razão” diz respeito ao aspecto racional e que a “moral” tem por objetivo o tipo de vida correspondente. “Quem compreende é livre”, ensina-nos Espinosa.

A força da Gnosis ou do “conhecimento do coração” apenas pode agir se admitirmos que a personalidade, por si só, não pode transmitir-nos sabedoria e força. As oposições aparentes nos fazem perceber a natureza de sua unidade, que é tão importante para o crescimento da consciência, tão favorável para as relações cotidianas no mundo.

Dentro de nós, a unidade das oposições somente poderá ser alcançada quando descobriremos o quanto necessitamos dessa unidade para estabelecer o diálogo íntimo necessário ao nosso conhecimento interior. Portanto, a maneira como esse processo se desenrola em todos os que estudam a Gnosis hermética faz parte do tema desta edição. Queremos demonstrar que o único processo a ser vivenciado é o procedimento que chamamos atualmente de “caminho da Rosacruz moderna”. Apresentado com uma introdução de J. van Rijckenborgh, o *Diálogo universal entre Hermes e Asclépio* dá um magnífico exemplo da maneira elegante com a qual o pensamento hermético tão sutil dos discípulos de Hermes e sua filosofia demonstram a existência de Deus ✨

# diálogo geral entre hermes e asclépio

*J. van Rijckenborgh*

Asclépio ou Esculápio foi, na Antiguidade, o deus da medicina, e, em sentido mais amplo, Esculápio representa também o auxiliador, o sanador. No sexto livro do *Corpus Hermeticum (Diálogo geral entre Hermes e Asclépio)*, Hermes instrui um aluno que, conforme diz o seu nome, se sabe convocado a caminhar na senda do serviço à Gnosis, para que possa cooperar na cura da humanidade enferma, no levantar dos caídos, no restabelecimento dos alquebrados. No sexto livro hermético, Asclépio, tendo em vista o que se disse, é profundamente introduzido na essência do movimento, na causa e no efeito do movimento universal.

A filosofia hermética, como ireis verificar, desenvolve o seu raciocínio partindo sempre de um início elementar, tomado como base, para elevar-se aos aspectos mais abstratos. Quem faz uso dessa chave e nunca se desvia desse método, avançará passo a passo, prosseguirá no pensamento e, por fim, compreenderá o que deve ser compreendido. Muitos, em seus processos de pensamento, têm o hábito de começar com o que é abstrato, com o desconhecido, e depois procurar chegar ao concreto. Semelhante método de pensamento jamais poderá ser satisfatório e também sempre leva à especulação, à mistificação. Assim, frequentemente, ouve-se o homem místico dizer que isso ou aquilo deve ou não deve ser feito. O porquê, porém, fica, de modo geral, totalmente indefinido e é por isso, amiúde, ou a causa da negação ou da afirmativa decisiva. Então ouve-se: “A Bíblia é a palavra de Deus, e dela nenhum jota pode ser negado”.

Mas por que justamente a Bíblia deva ser a palavra de Deus, ninguém sabe. A consequência é que um afirma categoricamente o que outro nega, enquanto que um terceiro não faz o que os dois outros fazem e permanece indiferente. Com semelhante método de pensamento, é óbvio que a verdade não é servida em absoluto, sendo substituída pela incerteza, pela mentira e por intensa disputa. O método de pensamento hermético é o único seguro e certo, porque, partindo do pensamento relativo ao identificável, ao concreto, indica o caminho seguro para o abstrato. Por isso, esse método é sempre aplicado pela Gnosis original, e todos os que anseiam e buscam a libertação recebem-no, porque ele concede o resultado mais evidente. Assim, também podemos reconhecer, pelo seu modo de pensar, se alguém é ou não um verdadeiro buscador da verdade. Um modelo inequívoco no tocante a isso foi, na Holanda, por exemplo, Benedito de Espinosa. Ele utilizou, sem dúvida, o método de pensamento hermético.



*Jan van Rijckenborgh e Catharose de Petri, fundadores da Escola Internacional da Rosacruz Áurea, descrevem e comentam para alunos e interessados o caminho que leva à libertação da alma com base em textos originais da Doutrina Universal, tais como o Corpus Hermeticum*



DIÁLOGO



**Flor ornamental em um mosaico de parede no Taj Mahal, Índia**

## Para nós Deus é o mais elevado para o qual o pensamento possa dirigir-se. Para nós, mas não para Deus mesmo!

No *Diálogo geral entre Hermes e Asclépio* verificamos que existe uma fonte de força onipenetrante, onipenetrante, fonte de força em que todas as regiões cósmicas estão encerradas. A intenção do sexto livro de Hermes Trismegisto é fazer com que nos tornemos profundamente convictos desse fato. A intenção não é a de dar uma profunda explicação filosófica do ser de Deus e da atividade da força divina. Trata-se unicamente de tornar claro ao aluno, a Asclépio, que se vê convocado à nobre missão por Deus e quer dedicar-se em perfeita rendição à senda da Gnosis, que existe uma fonte de força universal oniabrangente e onipenetrante, e que, por conseguinte, é possível e também necessário entrar em ligação com ela. A nossa insignificante existência como ser natural inconsciente sobre a mãe Terra constitui-se na mais ilógica das coisas que possam existir na manifestação universal. Quem está ligado com as radiações da salvação, à fonte da força, torna-se santificado, isto é: sanado! E, mediante a maravilha da graça de sua cura, ele se torna um sanador a serviço da Gnosis, um amadurecido Asclépio!

O *Diálogo geral* apela principalmente para o nosso discernimento, para o nosso pensar dirigido para o interior. Ele não pede de nós que apenas ouçamos, mas que também acompanhem, no pensamento e na penetração em nosso próprio ser, até onde pode ser ouvido e compreendido, em serena quietude e sossego, o eterno chamado da verdadeira finalidade da vida dos homens.

### DIÁLOGO GERAL ENTRE HERMES E ASCLÉPIO

*Hermes:* Asclépio, tudo o que é movido não é movido em algo e por algo?

*Asclépio:* Certamente!

*Hermes:* E não é necessário que aquilo em que algo é movido seja maior do que o que é movido?

*Asclépio:* Sem dúvida.

*Hermes:* Além disso, o que cria o movimento é mais poderoso do que o que é movido!

*Asclépio:* É claro.

*Hermes:* E não será que a natureza daquilo no qual se realiza o movimento seja necessariamente oposta ao que é movido?

*Asclépio:* É evidente.

*Hermes:* Pois bem. Então este universo é maior do que qualquer outro corpo?

*Asclépio:* Certamente.

*Hermes:* E não está completamente cheio, isto é, com muitos outros grandes corpos ou, mais corretamente, com todos os corpos existentes?

*Asclépio:* Isso mesmo.

*Hermes:* Consequentemente, o universo é um corpo.

*Asclépio:* Justo.

*Hermes:* A saber, um corpo que é movido.

*Asclépio:* Certamente.

*Hermes:* Quão grande deve então ser o espaço dentro do qual o universo é movido! E de que natureza? Ele tem de ser muito maior do que o universo para

poder admitir o movimento contínuo, sem que o universo seja comprimido pela estreiteza do espaço e tenha de parar o seu movimento.

*Asclépio:* Esse espaço deve ser extraordinariamente grande, Trismegisto!

*Hermes:* E de que natureza? De natureza oposta, não, Asclépio? Pois bem, o contrário da natureza do corpo é o incorpóreo.

*Asclépio:* Sem dúvida.

*Hermes:* Então o espaço é incorpóreo!

Mas o incorpóreo é ou divino por natureza ou Deus mesmo! (Com divino não quero agora dizer o criado, mas o não criado.) Se o incorpóreo é divino por natureza, é da natureza da essência da criação; e se é Deus, é uno com a essência. Aliás, podemos concebê-lo com a mente, como segue:

Para nós Deus é o mais elevado para o qual o pensamento possa dirigir-se. Para nós, mas não para Deus mesmo! Porque o objeto da reflexão, para aquele que pensa, torna-se atingível pela luz da compreensão. Portanto Deus não é para si mesmo objeto de reflexão; porque, sendo semelhante à essência da reflexão, ele reflete sobre si mesmo. Para nós, porém, Deus é diferente: por isso ele é objeto dos nossos pensamentos.

Ora, se o espaço universal é objeto do nosso pensamento, não pensamos nele

como espaço, mas como Deus; e se pensamos no espaço como Deus, ele já não é espaço no sentido comum da palavra, mas sim a força ativa de Deus, que tudo encerra.

Tudo o que se move não se move em algo que é movido por si mesmo, mas em algo que é imóvel; e a força motriz mesma é igualmente imóvel, não podendo partilhar do movimento que ela produz.

*Asclépio:* Mas, Trismegisto, de que modo as coisas aqui na Terra se comovimentam com as que causam o seu movimento? Porque disseste que as esferas pecaminosas são movidas pela esfera sem pecado.

*Hermes:* Asclépio, aqui não se trata de um movimento em comum, mas de um movimento oposto! Porque essas esferas não são movidas na mesma direção, mas na direção oposta. Esse contraste oferece ao movimento um ponto fixo de equilíbrio, porque a reação dos movimentos opostos se manifesta naquele ponto como imobilidade. Visto que as esferas pecaminosas são movidas numa direção oposta à da esfera sem pecados, elas, nesse contramovimento, são movidas pelo ponto fixo de equilíbrio ao redor da esfera resistente. E não pode ser de outro modo. Vês as constelações da Ursa Maior e da Ursa Menor, que

não se levantam nem se põem e sempre giram em torno de um mesmo ponto; julgas que são movidas ou que estão paradas?

*Asclépio:* São movidas, Trismegisto.

*Hermes:* E qual é o seu movimento, Asclépio?

*Asclépio:* Elas giram continuamente ao redor dos mesmos centros.

*Hermes:* Justo. A marcha circular é, pois, nada mais do que um movimento em torno do mesmo centro, o qual, pela imobilidade do centro, é perfeitamente dominado. Pois o movimento circular impede o desvio e assim a revolução é mantida. Deste modo o contramovimento no ponto de equilíbrio igualmente está em repouso, porque o movimento resistente o faz estático.

Vou dar-te um exemplo comum, pelo qual podes verificar a sua justeza, mediante o olhar. Pensa nos seres mortais, como, por exemplo, o homem que está nadando: enquanto a água corre, a resistência, a contraforça dos pés e das mãos cria para ele uma condição estável, de maneira que a água não pode atraí-lo para baixo.

*Asclépio:* Este exemplo é muito claro, Trismegisto.

*Hermes:* Cada movimento, portanto, se realiza em algo e através de algo, sendo este mesmo imóvel. O movimento do universo e de qualquer ser corpóreo vivente não é, pois, ocasionado por

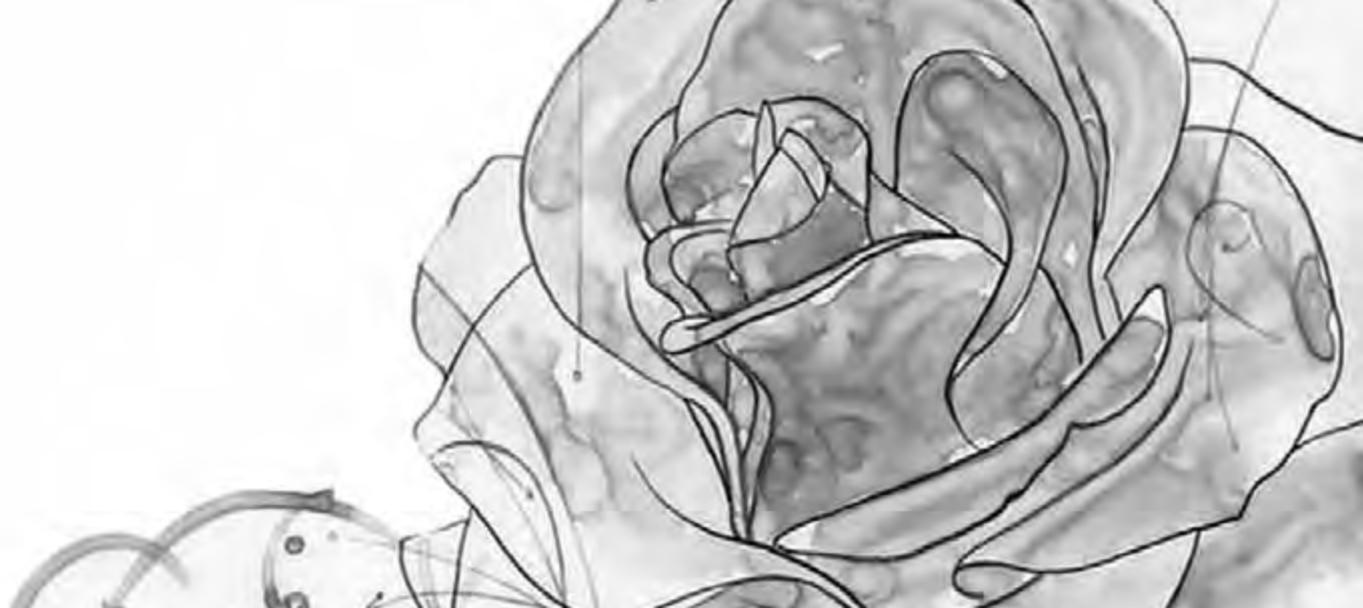
causas fora do corpo, mas por causas dentro do corpo, operantes do interior para o exterior por uma força racional-consciente, seja alma ou espírito, seja qualquer outra essência incorpórea, porque um corpo físico não pode mover um corpo animado, nem qualquer outro corpo, tampouco um corpo inanimado.

*Asclépio:* Que quereis dizer com isso, Trismegisto? Não são pedaços de madeira e pedras e outros objetos inanimados corpos que produzem movimento?

*Hermes:* Certamente não, Asclépio. Porque não é o corpo mesmo que produz o movimento do que é inanimado, mas o que está dentro do corpo, e isso move ambos os corpos, tanto o corpo que desloca como o que está sendo deslocado, por isso, o inanimado não pode mover o inanimado. Vês, pois, quão pesada é a carga da alma quando ela, sozinha, tem de carregar dois corpos! É claro, pois, que o que é movido está sendo movido em algo e através de algo.

*Asclépio:* Será que o movimento terá de se realizar num espaço vazio, Trismegisto?

*Hermes:* Escuta bem, Asclépio. Nada que é real é vazio, nada que faz parte do que é realidade é vazio, como já mostra a palavra ser que quer dizer existir. Porque o que é não teria realidade, não



existiria se não fosse preenchido de realidade. O que é real, o que existe em realidade nunca pode ser vazio.

*Asclépio:* Mas não há objetos vazios, Trismegisto, como um jarro, um pote, um almofariz e todas as outras coisas semelhantes?

*Hermes:* Cala-te, Asclépio, como podes errar tanto! Como podes considerar vazio o que é totalmente cheio e repleto!

*Asclépio:* Que queres dizer, Trismegisto?

*Hermes:* O ar não é um corpo? Esse corpo não penetra tudo que existe? E não enche tudo o que penetra? Não é cada corpo composto de quatro elementos? Todas essas coisas que chamaste vazio são, pois, repletas de ar, e, sendo preenchidas de ar, elas o são também dos quatro corpos dos elementos; assim chegamos a uma conclusão justamente oposta às tuas palavras: tudo o que chamas cheio está esvaziado de todo o ar, porque o seu lugar está ocupado por outros corpos, não deixando lugar para admitir o ar, e todas essas coisas que dizes vazias devem antes ser chamadas de plenas e não vazias, pois em realidade estão cheias de ar e de alento.

*Asclépio:* Tudo isso é claro, Trismegisto. Diz-me uma vez mais: o que é o espaço no qual o universo é movido?

*Hermes:* É o incorpóreo, Asclépio.

*Asclépio:* E o que é então o incorpóreo?

*Hermes:* Espírito, inteiramente incluído em si mesmo, livre de toda a corporalidade, sem erro, sem sofrimento, intocável, imóvel em si mesmo, tudo envolvendo, tudo salvando, libertador, curador; aquilo de que o bem, a verdade, o arquétipo do espírito e o arquétipo da alma emanam como raios.

*Asclépio:* Mas o que é então Deus?

*Hermes:* Ele não é nada disso, mas a causa de tua existência, e de tudo o que é, e igualmente de qualquer criatura em particular, porque ele não deixou espaço algum para o não ser; tudo o que existe vem a ser do que é e não do que não é, porque ao não ser falta o poder do vir-a-ser, enquanto, por outro lado, o-que-é nunca deixa de ser.

*Asclépio:* O que disseste propriamente que Deus é?

*Hermes:* Deus não é a razão, mas o fundamento dela; não é o alento, mas o fundamento dele, não é a luz, mas o fundamento dela. Por isso, Deus tem de ser venerado pelos nomes de Bem e de Pai, nomes que convêm somente a ele e a nenhum outro, porque nenhum daqueles que são chamados deuses e nenhum dos homens e dos demônios pode ser bom em qualquer aspecto que seja. Somente Deus, unicamente ele é bom, e nenhum outro. Todos os outros não podem abranger a essência do bem, porque eles são corpo e alma e

## Deus é o bem, não como expressão de honra, mas em virtude de seu ser!

carecem de lugar onde o bem possa residir. O bem contém o essencial de todas as criaturas, tanto das corpóreas como das incorpóreas, tanto das perceptíveis como das que pertencem ao mundo do pensamento abstrato. Isso é o bem, isso é Deus. Por isso, nunca chames qualquer outra coisa de bom, porque isso seria impiedade. E nunca chames Deus de outro modo do que o bem, porque isto também é ímpio. É verdade que todos usam a palavra “bom”, mas nem todos percebem o que seja. Por isso, todos não compreendem a Deus e em ignorância chamam de bom os deuses e alguns homens, apesar de eles nunca poderem ser nem tornar-se bons, porque o bem é o absoluto imutável de Deus e inseparável dele, por ser Deus mesmo. Todos os outros deuses são, como imortais, honrados com o nome de deus, mas Deus é o bem, não como expressão de honra, mas em virtude de seu ser! A essência de Deus e o bem são uma só coisa: eles formam, em conjunto, a única origem de todos os gêneros, porque bom é aquele que tudo dá e nada toma! Em verdade, Deus tudo dá e nada toma!

Por isso Deus é o bem, e o bem é Deus. O outro nome de Deus é Pai, porque ele é o criador de todas as coisas, pois criar é a característica do Pai. Por isso, na vida daqueles cuja consciência está bem sintonizada, o fazer nascer o filho é uma coisa da maior seriedade e zelo e da máxima afeição a Deus; ao passo que a maior infelicidade e o maior pecado é alguém morrer sem essa descendência e depois ser julgado pelos demônios.

Eis portanto a sua punição: a alma sem filho é condenada a adotar um corpo que não é de natureza masculina nem feminina, o que é uma execração sob o Sol. Participa, pois, Asclépio, da alegria se ninguém ficar sem descendência, mas envolve de compaixão aquele que se encontra na infelicidade, porque sabe da punição que o aguarda. Asclépio, possa o que te disse constituir para ti, segundo a natureza e extensão, certo conhecimento introdutório em relação à essência do universo ✨

**Fontes:**  
**Rijckenborgh, J. van. *A Arquignosis egípcia*. São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1986. Tomo II, cap. XIII.**

# vivemos em diálogo: tudo fala dentro de nós

“Mas como está escrito: As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem, são as que Deus preparou para os que o amam. Mas Deus no-las revelou pelo seu Espírito; porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus.”

Coríntios I, 2:9-10

**T**entemos imaginar algo que nenhum olho jamais viu e nenhum ouvido jamais ouviu... Tentemos fazer isso só porque somos seres humanos e queremos saber. “Querer saber” é exatamente o que é típico do fenômeno humano. Quando, além disso, nosso saber se junta ao rico mundo das ideias, nós nos elevamos e ultrapassamos, aqui embaixo, todas as outras criaturas da Terra.

Para começar, tomemos a fórmula bem conhecida do Evangelho de João: “No princípio era o Verbo”. Na dimensão infinita do princípio está a fonte não apenas de um, mas de todos os universos. O oceano original das formas não passa de um simples pontinho naquilo que os gnósticos



DIÁLOGO



chamam de “profundidade” ou “abismo insondável”...

É aí, no silêncio divino, no repouso eterno, que a energia do princípio se transformou em primeiro alento, em primeira força do Espírito. Nesse “repouso do universo” surgiu o movimento – como o denominou o Evangelho de Tomé – ou “o Verbo”, como está escrito no Evangelho de João. “O ser humano surgiu de um pensamento de Deus” – é o que se diz. E foi pelo Verbo, pelo pronunciar desse pensamento, que o homem surgiu. Se tentássemos descrever como foi isso, poderíamos dizer que, a partir dessas profundezas, desse silêncio, elevou-se uma voz que disse: “Vem a mim!” O homem foi chamado. Começou um diálogo... Quando surge um movimento, ele é sempre seguido por outro. A vida é movimento, que é som: portanto, tudo fala. Enquanto a criação está em movimento, o criador fala com sua criatura.

Cada um de nós nasceu de um casal, de um homem e de uma mulher, que são a causa de nossa existência. Eles conceberam uma criança. Mas será que foram eles que lhe deram forma e vida? Será que eles podem determinar o tempo de vida que ela terá, sua saúde, seu caráter, sua bondade, seu modo de rir, o sofrimento pelo qual ela passará ou o que desejará? Poderão determinar como serão seus olhos, essa maravilha que o fará enxergar?

Quando uma criança nasce, esperamos que ela disponha de tudo o que é necessário para poder expressar-se na vida tal como a conhecemos.

Vida é manifestação. Significa encontrar-se em uma forma na qual e pela qual algo pode manifestar-se. Esse algo que quer manifestar-se poderia ser denominado o primeiro pensamento: O “unigênito imortal” do primeiro pai. Com que finalidade? Talvez para aprender a falar, a ser como o pai, a tornar-se perfeito! “Sede perfeitos como vosso Pai!” É Hermes Trismegisto quem diz: “Assim como os deuses são posse de Deus, o homem também o é. E a posse do homem é o mundo: se não houvesse ninguém para ver o mundo, tudo o que vemos não existiria. Somente o homem pode ver o visível e compreender as coisas espirituais, pois elas não lhe são estranhas. O homem tem duas naturezas: a mortal e a imortal. Ele tem três formas: o ser do espírito, o ser da alma e o ser da matéria” (*Definições herméticas*, VI, 1).<sup>1</sup>

**TRÊS PONTOS DE PARTIDA** Como seres humanos que somos, nascidos neste mundo, quando começamos essa aventura, conforme se diz, no momento em que nossos olhos se abrem, imediatamente nos vemos frente a frente com essas três formas de ser. Nós nos vivenciamos como consciência, percebemos os outros à nossa volta, observamos a natureza ao nosso redor. Com isso, três chaves nos são oferecidas para perguntarmos e respondermos imediatamente, com toda liberdade: “Mas, afinal, o que será que eu vim fazer aqui?”

E estas são as chaves para responder essa questão:

1. a natureza como mestre;



O papiro “Edwin Smith” do antigo Egito trata sobre remédios e tratamentos de ferimentos, por volta de 1600 a.C. (Malloch, Sala de Livros Raros, Academia de Medicina de New York). © Malloch Rare Book Room of the New York Academy of Medicine

2. autoconhecimento adquirido pela convivência com nosso semelhante;
3. aprender a conhecer o “Outro” dentro de nós, a alma.

É assim que o mundo se apresenta a nós como uma fonte inesgotável de impressões, de coisas a serem vividas, e de uma sequência incessante de novas sensações. Pode ser que a vida se tenha originado porque “algo divino” quis dar forma a algo, assim como o criador engendrou a vida, a fim de poder perceber a si mesmo. Mas isso levanta uma questão: a ciência gnóstica fala sobre o “silêncio” e chama a isso de “o nada” do profundo “não ser”. E é dessa profundidade insondável que ressoa o chamado do Espírito que, sendo secreto e sagrado, se oculta nesse

não ser: “Vem a mim!” – e é assim que a criação começa!

Esse “insondável” traz consigo “uma profundidade, um silêncio, uma paz e um movimento secreto”. É um processo como esse que se reproduz em cada nascimento de um ser humano na matéria. Ele conhece apenas o desejo da esfera de onde ele provém: a mãe. É a única coisa de que ele tem consciência: a consciência de que algo dentro dele está chamando – “Volta!”

**UM FOGO QUE ALIMENTA A SI MESMO** Todo o nosso percurso de vida representa um caminho de desenvolvimento. Quando não acontece o intercâmbio, o diálogo entre nós e o mundo, a vida para – e para também a evolução. A alma

Vocês gostariam de ler a história do rei que nasceu de si mesmo? Então, precisam primeiro aprender a brilhante língua do sol, das estrelas, os tímidos murmúrios da lua, a música dos planetas, e também a língua de nossa mãe terra, que cantarola sua cantiga de ninar para seus incontáveis filhotes que, quando sua alma desabrochar, pertencerão ao céu.

James Morgan Pryse.

se retira. Para preservar-nos disso, as três chaves são uma fonte de inspiração que oferecem renovação e aprofundamento.

- A natureza é mestre do ser humano e o ensina a arte de viver. É ela que nos mostra as características fundamentais da vida neste mundo: e disso surgem as grandes indagações. Se nos aprofundarmos nesse assunto, veremos como há intercâmbio entre tudo e como tudo está interligado e é coerente. A natureza é efêmera: sempre está mudando. O verdadeiro buscador reconhece tudo o que é passageiro como símbolo e parábola.

- Em nossos contatos com nossos semelhantes e com a natureza, obtemos o autoconhecimento. Percebemos nossos limites, por exemplo, pela convivência com os outros, mas também há a possibilidade de criar compaixão. Observamos nossa própria impotência e nossas capacidades inalcançáveis – enfim, o que podemos fazer ou não. Esses contatos nos fazem descobrir o fato de que somos únicos, mas, em seguida, vemos que os outros também estão vivenciando a mesma experiência (ou podem fazê-lo um dia!). Em princípio, somos todos semelhantes e, partindo do individual, passamos ao universal.

- Mediante a solidão da autoconsciência e da vivência de nossos limites, chegamos ao “Outro”. Quem conhece a si mesmo é capaz de conhecer o Outro dentro de si: a alma. É isso o que as escolas de mistérios ensinam. A iniciação é “silenciar e dialogar com o Outro dentro de nós”. É isso o que representa a imagem do “fogo que se alimenta a si

mesmo”. Portanto, pensar é dialogar dentro de si mesmo.

**SÓCRATES** Há muitos diálogos maravilhosos, redigidos por filósofos célebres, por grandes sábios e místicos humildes, por Jesus, por Buda. Em todos os tempos, em todas as partes do mundo, encontramos diálogos que nos levam a trilhar os caminhos da busca no decorrer da vida. Sem dúvida, Sócrates é um mestre nesse gênero de diálogo. Em todos os seus diálogos ele coloca a questão capital: “Como devo viver?” Sócrates (469–399 a.C.) era um personagem bem conhecido em Atenas. Ele considerava que sua missão era percorrer todos os dias essa cidade, cercado de alguns alunos, muitos deles bem jovens, para conversar com todo o tipo de pessoas a respeito “do bom, do belo e do verdadeiro”. E dizia sobre si mesmo: “Sou a parteira de meus amigos” (o que era uma alusão à sua mãe, que era parteira). “Não estou interessado no corpo, mas sim na alma que precisa nascer. Faço perguntas e perguntas, até que o fruto oculto da compreensão possa ver, de repente, a luz do dia.”

Ele queria “dar à luz” as qualidades divinas que os humanos não sabem possuir, portanto prestar uma espécie de assistência obstétrica espiritual. A ignorância é a fonte de todos os males! Ele queria libertar os seres humanos de todos os obstáculos e limitações que os atormentam e bloqueiam o desenvolvimento de sua alma. Em dois diálogos com Tat, Hermes chama de “atormentadores” todos esses entraves que

Ah, escuta minha prece!  
Que eu nunca perca o contato  
com o Um e Único  
no jogo da multiplicidade.

Rabindranath Tagore

Vê como é ilustre e grande  
o esplendor do mundo eterno,  
que pode partilhar seu poder  
e sua glória por tantos espelhos,  
mas permanece Um,  
como ele era no princípio.

Dante

se colocam à nossa frente e nos manipulam inconscientemente:

“Tat: Tenho, então, atormentadores dentro de mim, Pai?

Hermes: Não poucos, meu filho, assustadores e numerosos!

Tat: Eu os não conheço, Pai.

Hermes: Essa ignorância é, ela mesma, o primeiro castigo, meu filho; o segundo é dor e aflição; o terceiro, incontinência; [...] Esses castigos são doze em número, porém entre esses há numerosos outros que, mediante a prisão do corpo, pela natureza, forçam o homem a sofrer pelas atividades dos sentidos. Afastam-se, porém, (embora não imediatamente) daquele a quem Deus mostra sua misericórdia; e essa última explica a natureza e o sentido do renascimento!”<sup>2</sup>

Ignorância é o grande flagelo que aflige a humanidade. E a Bíblia nos transmite esta lamentação: “O meu povo está sendo destruído porque lhe falta o conhecimento” (Oseias 4:6), o que representa a mesma ideia. Por falta de conhecimento devemos entender “não dialogar com a Divindade”. Isso significa não conhecer a existência da Divindade, não ocupar-se com ela. A ilusão de que o corpo e suas percepções sensoriais são o que há de mais elevado na vida do ser humano nos isola da Divindade! Ora, o ser humano é duplo: seu corpo é mortal, e sua alma, imortal.

Precisamos preocupar-nos seriamente com a pergunta: “O que estamos fazendo aqui?”. Precisamos esforçar-nos para compreender

nossa real situação e o que é a alma imortal, o “Outro” em nós. Precisamos questionar-nos sobre qual é o nosso real significado – nós, que possuímos uma forma com a qual podemos expressar-nos. Como aproveitar ao máximo essas circunstâncias e não deixar levar-nos pelos problemas aparentemente insolúveis levantados pela nossa situação e pelas nossas escolhas?

Um dos diálogos de Sócrates trata da busca da natureza essencial da alma imortal e do corpo humano mortal. O diálogo começa pela questão da importância da vida humana para a alma, uma vez que o homem morre, enquanto a alma continua. Será que precisamos cuidar de nossa alma? Citemos uma passagem da última conversa de Sócrates antes de sua morte:

“Achas, então, perguntou, que podemos admitir duas espécies de coisas: umas visíveis e outras invisíveis?

Podemos.

Sendo que as invisíveis são sempre idênticas a si mesmas, e as visíveis, o contrário disso?

Admitamos também esse ponto, respondeu.

Então, prossigamos, uma parte de nós mesmos não é corpo, e a outra não é alma?

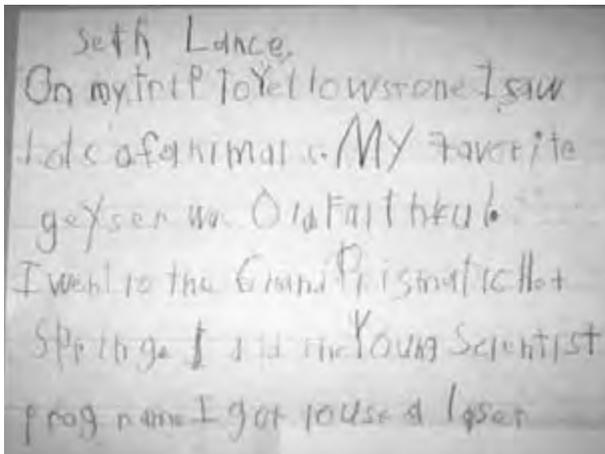
Sem dúvida, falou.

E com qual daquelas classes diremos que o corpo é mais conforme e tem mais afinidade?

Para todo o mundo é evidente que é com a das coisas visíveis.

E com relação à alma? É visível, ou será invisível?

Pelo menos para o homem, não o será, Sócrates, respondeu.



Mas, quando falamos do que é ou não é visível, é sempre com vista à natureza humana. Ou achas que seja com relação a outra?

Não; é com a natureza humana, mesmo.

E a alma? Que diremos dela: poderemos vê-la ou não?

Não podemos.

Logo, é invisível. [...]

Mas também dissemos há alguns instantes, que quando a alma se serve do corpo para considerar alguma coisa por intermédio da vista ou do ouvido, ou por qualquer outro sentido – pois considerar seja o que for por meio dos sentidos é fazê-lo por intermédio do corpo – é arrastada por ele para o que nunca se conserva no mesmo estado, passando a divagar e a perturbar-se, e ficando tomada de vertigens, como se estivesse embriagada, pelo fato de entrar em contato com tais coisas?

Sim, dissemos isso mesmo.

E o contrário disso: quando ela examina sozinha alguma coisa, volta-se para o que é puro, sempiterno, e que sempre se comporta do mesmo modo, e por lhe ter afinidade, vive com ele enquanto permanecer consigo mesma e lhe for permitido, deixando, assim, de divagar e pondo-se como relação com o que é sempre igual e imutável, por estar em contato com ele. A esse estado, justamente, é que damos o nome de pensamento.” (*Fédão*, XXVI, XXVII).<sup>3</sup>

Nesse trecho, o problema é colocado de forma categórica: as duas situações não são nem constantes nem duráveis. Trata-se de resolver o que o homem significa. Durante toda a nossa vida,

é repetido o chamado que soou em nosso nascimento e sempre se repete: “Volta! Retorna!”

“Onde estás?”

Um texto de Martin Buber (1878-1965) relata como Deus está sempre nos chamando:

“Alguém perguntou a um rabino:

– Como interpretar a pergunta que Deus fez a Adão: ‘Onde estás?’

O rabino respondeu:

– Acreditas que a Escritura é eterna e abrange cada época, cada geração, e cada ser humano?

– Sim, acredito – disse ele.

– Pois bem, Deus sempre se dirige a cada ser humano e pergunta: ‘Onde estás no mundo? Já se passaram tantos anos e dias que te foram concedidos. Nesse meio tempo, até onde chegaste em teu mundo?’

Essa resposta do rabino significa: Tu mesmo és Adão. É a ti que Deus pergunta: ‘Onde estás?’ Se Deus nos faz essa pergunta é porque quer provocar em nós o conflito que pode suscitar um tipo de questionamento e tocar nosso coração.

Adão esconde-se para não ter de prestar contas, para escapar à responsabilidade que tem sobre a própria vida. É assim que cada um de nós se oculta, pois todos nós estamos na mesma situação de Adão. Para não termos de prestar conta de nossa vida, a própria existência nos serve de esconderijo. É claro que há algo em Adão que busca a Deus – mas Adão cuida para que fique cada vez mais difícil para esse algo encontrar Deus. Fazendo essa pergunta

## Então, num relampejar de discernimento interior, o conhecimento da alma pode manifestar-se em nossa consciência!

questionadora, Deus quer sacudi-lo, arrancá-lo de seu esconderijo, mostrar-lhe até onde ele chegou. Deus quer despertar nele uma vontade firme de encontrar uma saída. Mas o hábito de sempre esconder-se também ajuda Adão a negar essa inquietação do coração. No entanto, essa voz que chama não soa quando uma tempestade violenta ameaça a existência humana. Não, a voz que chama e questiona é a de ‘um silêncio que aflora por um momento’, e é fácil abafá-la.”<sup>24</sup>

J. van Rijckenborgh, em seu livro *A Arquignosis egípcia*, tomo IV, trata esse assunto com bastante concisão: “Por que tendes forma corpórea? Para vos atolardes aqui durante alguns anos em todas as misérias possíveis e exercerdes uma ou outra vocação burguesa, a fim de manterdes a cabeça fora da água e então morrer? Para vos afogar no éter nervoso todos esses anos? Na maldade? Sempre discutindo e lutando? É esse o objetivo de vossa vida?

Por que tendes forma corpórea? A forma corpórea, diz Hermes, é um instrumento, um atributo da alma para se poder apresentar a seu serviço, como seu servidor.”<sup>25</sup>

O desejo da alma original é absolutamente puro: ela não quer nada mais do que refletir sobre sua criação original e desenvolver outras aptidões que recebeu do Altíssimo. E, como ela é “invisível”, sua felicidade está nas pequenas coisas intangíveis, pois ela foi criada para ligar-se ao espírito invisível e aí encontrar sua paz. Ela não quer nada mais do que receber, das mais altas esferas, seu alento de vida ou suas

energias elevadas – mas na realidade do mundo ela é arrastada para uma aventura cada vez mais agitada através da vida, e aprende o prazer de conhecer a natureza. Isso vai tão longe que, de tão fragilizada que está, ela pensa que a vida deva ser assim mesmo...

Nossa característica como seres humanos é que, graças à Gnosis, a partir dessa fragilidade que pode ser comparada a um sono, podem surgir a inteligência gnóstica e a energia libertadora que a acompanha.

Então, num relampejar de discernimento interior, o conhecimento da alma pode manifestar-se em nossa consciência! Disso resulta uma mudança profunda e fundamental: desse momento em diante a alma toma as rédeas da situação. Ela questiona-se: “O que preciso fazer para recuperar o meu primeiro amor?” ✪

### Fontes:

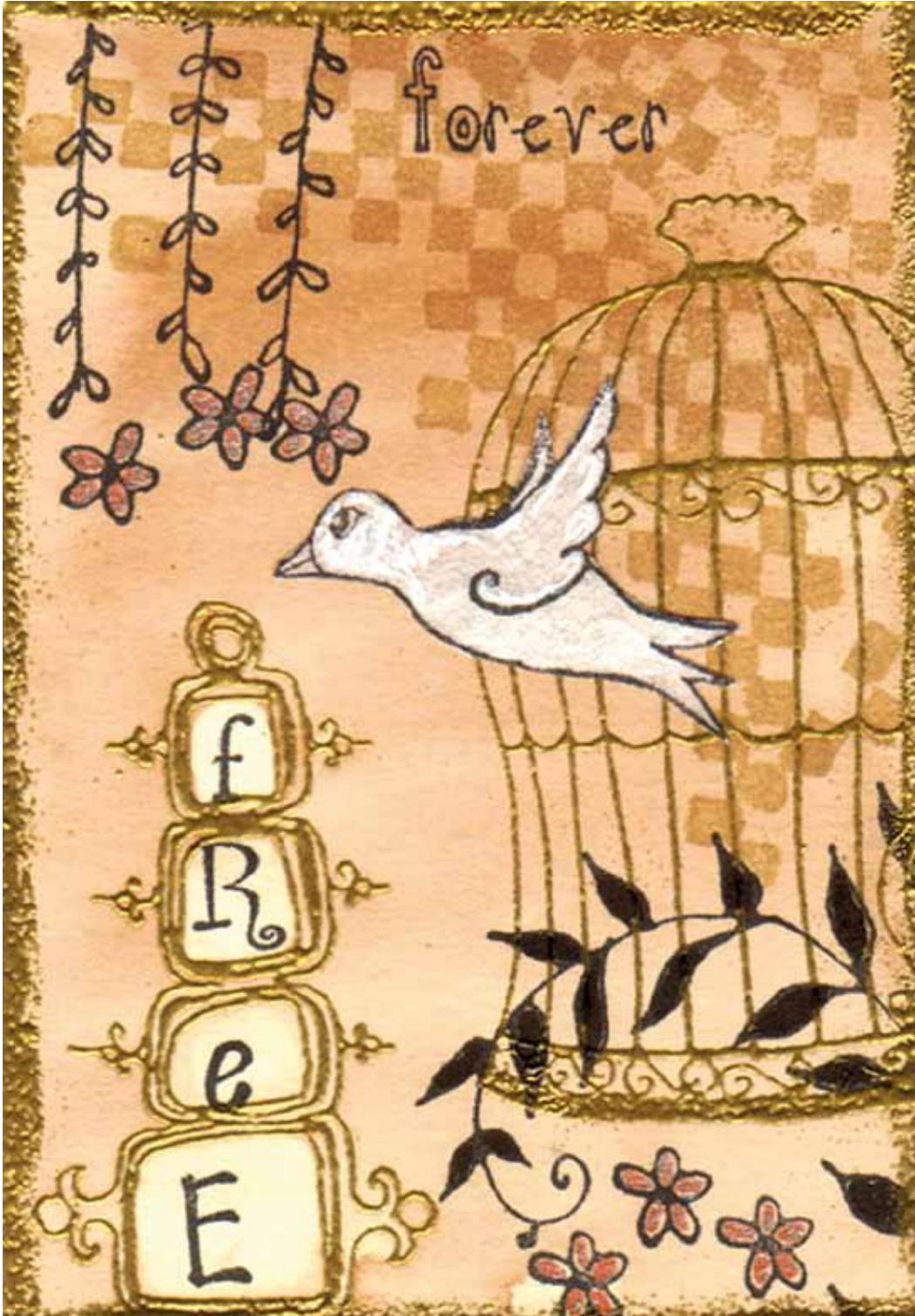
**1 Trismegisto, H. De Hermetische Definities (Definições herméticas).** In: Broek, R. van den. *Hermes Trismegistus. Inleiding, teksten, commentaren (Hermes Trismegisto. Introdução, textos, comentários).* Amsterdam: Bibliotheca Philosophica Hermetica, 2006.

**2 Trismegisto, H. Corpus Hermeticum, Décimo quarto livro.** In: Rijckenborgh, J. van. *A Arquignosis egípcia.* São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1981. Tomo IV.

**3 Platão. Fédão.** In: *Protágoras, Górgias, Fédão.* Belém: Editora Universitária UFPA, 2002.

**4 Buber, M. Der Weg des Menschen nach der chassidischen Lehre (O caminho do homem segundo a doutrina hassídica).** Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2001.

**5 Rijckenborgh, J. van. A Arquignosis egípcia.** São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1981. Tomo IV.



Livre para sempre  
© G. Tijskens, Bélgica

# diálogo sobre a criação



DIÁLOGO

O diálogo sobre a criação trata sobre a vida e a convivência com a natureza. Apresenta o mundo em que podemos viver, ou melhor, em que precisamos viver. Fala sobre este mundo que está a nosso serviço, que nos aguarda em sua coesão espaço-temporal e nos cerca de sinais. Símbolos que, sem palavras, falam conosco e representam nosso próprio mundo, com o qual podemos vivenciar uma relação, mas do qual nunca participamos diretamente.

A linguagem da criação sussurra através das árvores, rumoreja nos riachos, mostra-nos sua beleza nas flores, revela a vida à luz do sol. Desvenda seus mistérios à luz da lua, a esperança, nas estrelas, e a alegria, no vôo dos pássaros. Podemos caracterizar Jacob Boehme como “um filósofo da natureza”. Em seu livro *Christosophia*, ele diz:

“Vemos a grandiosa construção de Deus na natureza e sabemos, por meio Dele, que sua vontade é que seu Verbo se revele na luz da natureza. Essa força da natureza ainda não foi domada”.<sup>1</sup>

Podemos vivenciar a natureza e estabelecer uma ligação com ela permitindo que a experimentemos. Em seu livro *Eu e tu*, Martin Buber dá um exemplo que pode exprimir esses pensamentos com mais precisão:

“Contemplo uma árvore. Sou capaz de assimilá-la como a imagem de um pilar que se ergue reto. A luz toca o verde resplandecente de seu cume, e, através dele, aparece o suave azul prateado do céu em segundo plano. Posso também percebê-la como movimento, considerando suas veias que correm, aderem e aspiram no coração da madeira, a sucção das raízes, a respiração das folhas, a circulação sem fim entre a terra e o ar – o próprio sombrio crescimento”.

Posso, de certa forma, me incorporar a ela e observá-la como exemplo, de acordo com sua estrutura e sua maneira de viver. Posso me desprender da forma da árvore para só reconhecer nela a expressão das leis por meio das quais as forças contrárias conseguem, aos poucos, o equilíbrio. Ou então, posso ver como as matérias se juntam

e se dissociam. [...] A árvore não é uma impressão, nem um efeito de minha imaginação: ela não tem valor sentimental, mas está diante de mim com toda a sua vitalidade. Ela tem a ver comigo, como eu tenho a ver com ela, mas de forma totalmente diferente”.<sup>2</sup>

Alguém poderia dizer agora: a árvore produz o oxigênio necessário para minha respiração – portanto, ela é necessária à minha existência e a natureza é minha fonte nutriz, pois sem ela eu não conseguiria viver. Mas esse é o sinal característico da criação como um todo: tudo se mantém unido. Estudar a natureza é estudar sua linguagem simbólica, ou sua organização estrutural e as leis pelas quais ela se manifesta.

Olhemos agora para a natureza como um livro surpreendente onde podemos ler e descobrir o que ela quer nos dizer sobre o pensamento hermético: “O que está embaixo é como o que está em cima”. O “pequeno” é como o “grande”. Como microcosmo, o homem é um pequeno mundo construído à imagem do macrocosmo, que é o grande mundo.

Vemos o sol como o centro do sistema planetário e como fonte de vida. O centro do ser humano é o coração, com seu núcleo divino. Onde está a fonte do sol? Onde fica seu centro? E onde esse núcleo está instalado? Essa é a questão que tanto aproxima quanto distancia a religião e a ciência. É essa a pergunta com a qual nos deparamos, de tempos em tempos: “Você acredita na existência de Deus ou algo parecido?”

Que o Deus invisível é o mais revelado. [...] Somente a consciência da alma vê o invisível, por ser ela mesma invisível. Se podes fazê-lo, Tat, ele se tornará visível diante dos olhos de tua alma-espírito, porque em generosa abundância o Senhor se manifesta no universo todo. Estás em condição de ver a tua consciência-alma, de tocá-la com as mãos e contemplar com admiração a imagem de Deus? Mas se o que está dentro de ti é invisível, como então Deus mesmo se tornará visível em ti mediante teus olhos materiais? Se quiseres vê-lo, dirige, então, a tua contemplação ao Sol, ao curso da Lua, à ordenação das estrelas. Quem mantém a

### O QUE HAVIA ANTES DO BIG BANG?

Reconhecemos ou provavelmente admitimos a resposta dada por Aries Bos, um clínico geral holandês e professor de Filosofia da Ciência em seu livro *Hoe de geest de stof kreeg* (Como o espírito recebeu a matéria?): “Afim, por que existe algo e não apenas o nada? Essa é uma pergunta impossível de ser respondida, não é mesmo? Isso me impressiona incrivelmente. Bem, de acordo com a Física atual, admitimos que tudo começou com o *Big Bang*. É apenas um nome, uma teoria científica. Quer dizer que antes disso não havia nada? O *Big Bang* não teria uma causa? Vocês não acham isso espantoso? Sempre tenho o sentimento de que simplesmente não queremos ver o que havia antes, como fazemos sempre. E então: já que não há uma causa, foi Deus quem fez tudo?

Esperem, ainda não abordei totalmente a questão de Deus. O que quero dizer é que a energia e os quarks têm uma causa, e essa causa somente pode ser descrita como informação. No princípio tudo era informação. No princípio havia o Verbo. ‘Verbo’ é tradução do grego ‘Logos’. Significa cifra, número, palavra, pensamento (como conteúdo) e espírito (como força criadora). ‘Informação’ poderia ser uma tradução moderna. O *Big Bang* causou ondas. As ondas podem funcionar como portadoras de informação, como os fótons. A matéria teria começado sob a forma de informação. Afim, como já sabemos, a matéria é constituída por partículas elementares – que na realidade não são partículas, mas sim pequenos ‘pacotes de energia’ – e, mais uma vez, em forma de ondas. [...] Por detrás de qualquer substância composta

de átomos se encontra uma informação complexa. ‘Substância’ significa, literalmente, ‘aquilo que está subjacente’. Poderíamos dizer: ‘debaixo da informação’. Portanto, qualquer substância representa informação – e podemos considerar esta palavra como um conceito moderno para ‘sabedoria’. Quando mencionamos ‘informação’, estamos falando de sabedoria – portanto, de espírito. Isso significa que não há matéria sem espírito. Os homens sempre imaginaram que a sabedoria poderia flutuar livremente no ar. Assim como o Espírito de Deus que ‘se movia sobre a face das águas’ (Gênesis 1:2), ou como o Espírito Santo. A ciência física já aceita o fato de que ele não é visível. Na verdade, a única coisa visível é a matéria subjacente: a substância. E o verdadeiro princípio, a informação primordial, nós a chamamos de *Deus*”.<sup>3</sup> A conclusão do livro mostra que a finalidade da criação é fazer com que a humanidade escolha o amor em total liberdade. Afim, o espírito apenas se liga à matéria por meio de um ser que é suficientemente livre para escolher seu próprio caminho: o ser humano.

Sigamos agora um colóquio descrito por Giordano Bruno no livro *Acerca do infinito, do universo e dos mundos* (primeiro colóquio entre Elpino, Filóteo, Fracastório e Búrquio), que dá uma visão profunda da relação entre o homem e a natureza:

Elpino: Como é possível que o universo seja infinito?

Filóteo: Como é possível que o universo seja finito?

ordem deles? Porque cada ordem é determinada exatamente pelo número e pelo lugar. O Sol, o supremo dos deuses da abóbada celeste, a quem todos os deuses celestiais concedem reverente lugar como a seu rei e soberano, imensamente grande, maior que a Terra e o mar, permite que menores estrelas se movam acima dele. Por reverência ou por temor a quem, meu filho?

Não descreve cada uma dessas estrelas um mesmo curso no céu? Quem determinou para cada uma delas sua natureza e a grandeza de seu curso?

Veja a Ursa Maior, que gira em torno de seu próprio eixo

Elpino: Julgam que se pode demonstrar essa infinidade?

Filóteo: Julgam que se pode demonstrar essa finitude?

Elpino: De que extensão falas?

Filóteo: E tu de que limites falas?

Búrquio: Ainda que isso seja verdade, não quero crê-lo; porque não é possível que esse infinito possa ser compreendido pela minha cabeça, nem digerido pelo meu estômago; embora, na verdade, eu desejasse que fosse como diz Filóteo, pois que, se por má sorte me acontecesse cair fora deste mundo, encontraria sempre outras terras.

Elpino: Decerto, Filóteo, se nós quisermos fazer dos sentidos juiz, ou dar-lhes a primazia que lhes cabe, pelo fato de todo o conhecimento provir deles, concluiremos, talvez, que não seja fácil encontrar o meio para chegar ao que tu dizes, de preferência ao contrário. Agora, se quiseres, começa por fazer-me compreender alguma coisa.

Filóteo: Não existe sentido que veja o infinito, nem sentido a que se possa pedir essa conclusão, porque o infinito não pode ser objeto dos sentidos; por isso, quem procurar conhecê-lo por essa via, é como quem quisesse ver com os olhos a substância e a essência; e quem a negasse por não ser sensível, ou visível, viria a negar a própria substância e o ser. Por conseguinte, deve haver cautela em recorrer ao testemunho dos sentidos, que só admitimos em relação a coisas sensíveis, e ainda com certa dúvida, se não concorrerem, juntamente com a razão, para o juízo. Ao intelecto compete julgar e dar razão das coisas afastadas no tempo e no espaço. Quanto a isto, é

e cobre o firmamento todo em sua rotação. Quem é o possuidor desse instrumento? Quem estabeleceu ao mar os seus limites? Quem deu à Terra o seu fundamento?

É, ó Tat, o criador e senhor do universo. Nenhum lugar, nem número, nem medida como expressão da ordem cósmica seria possível sem aquele que os criou. Pois toda a ordem é o resultado de uma atividade criadora. Unicamente quando a ordem e a medida faltam, fica provada a sua ausência.

Hermes Trismegisto. *Corpus Hermeticum*, oitavo livro, Hermes a seu filho Tat<sup>5</sup>

bastante elucidativo e testemunho suficiente, o fato de os sentidos não terem força para nos contradizer, e ainda mais, evidenciando e confessando a sua debilidade e insuficiência na aparência de finitude causada pelos limites do seu horizonte; e até nisto se vê a sua inconstância. Ora, como temos por experiência que eles nos enganam, com respeito à superfície deste globo em que nos encontramos, muito mais deveríamos suspeitar deles, no que diz respeito ao termo que nos faz compreender a concavidade estrelada.

Elpino: Diz-me então: para que nos servem os sentidos?

Filóteo: Somente para excitar a razão; para, em parte, tomar conhecimento, indicar e testemunhar, não para testemunhar tudo; não servem para julgar, nem condenar. Porque, nunca, por mais perfeitos que sejam, são isentos de alguma perturbação. Por conseguinte, a verdade em mínima parte brota desse débil princípio, que são os sentidos, mas não reside neles.

Elpino: Onde está, então?

Filóteo: No objeto sensível, como num espelho; na razão, sob o aspecto de argumentação e discurso; no intelecto, sob o aspecto de princípio ou conclusão; na mente, como forma própria e viva.<sup>4</sup>

**HERMES E TAT** Segue-se que o homem, que provém em grande parte da natureza e vive por meio dela, pode aqui fazer a experiência de que há algo mais do que a natureza. Como ser da natureza, ele não pode perceber um pouco que seja da realidade através da natureza tal como ela

**Fragmento de um antigo manuscrito do Novo Testamento, parte do Códice Siniático, por volta de 350 d.C.**



é. Ele pode, mediante a natureza, receber impressões de outra coisa que torna possível todas as formas. De forma penetrante Hermes expõe no diálogo com Tat do nono livro do *Corpus Hermeticum*, que essa outra coisa é a própria vida, que não cessa de fluir, de avançar e de encontrar sempre novas formas de expressão; e quem vê isso capta sempre mais profundamente que nada do que é real se perde, mas que, por engano, denominamos as mudanças de aniquilamento e morte.

Hermes: Da matéria que ele destinou a esse fim, o Pai formou o corpo do mundo; ele lhe concedeu a forma esférica e determinou as qualidades das espécies que o deveriam ornar, conferindo-lhe uma materialidade eterna, já que a substância material era divina.

O Pai, após ter disseminado na esfera as qualidades das espécies, encerrou-as como numa gruta, visto que ele quis ornar sua criação com todas as qualidades.

E envolveu o inteiro corpo da Terra com imortalidade, a fim de que a matéria, desatando-se da força conectora do corpo, não voltasse ao caos, que lhe é próprio.

Porque, meu filho, quando a matéria ainda não havia sido formada num corpo, era não ordenada. Ela mostra isso em certa medida mesmo aqui, pela faculdade do crescimento e do decréscimo, faculdade essa que os homens chamam de morte. Esse desordenamento, essa volta ao caos, apresenta-se somente em criaturas terrestres. Pois os corpos dos seres celestes mantêm a ordem única que desde o princípio lhes foi concedida pelo

Pai; e essa ordem é mantida indestrutível mediante o retorno de cada um deles ao estado de perfeição.

O retorno dos corpos terrestres ao seu estado anterior consiste na dissolução da força conectora, que volta aos corpos indissolúveis, isto é, aos corpos imortais. Desta forma, surge a eliminação da consciência dos sentidos, mas não o aniquilamento dos corpos imortais.

O terceiro ser vivente, o homem, criado segundo a imagem do mundo e que, segundo a vontade do Pai, possui, acima dos outros animais terrestres, a mente, não somente está ligado ao segundo Deus por um liame de simpatia, mas, em contemplação interior, aproxima-se também da essência do primeiro Deus, porque percebe o segundo Deus pelos sentidos, como sendo corpóreo, enquanto sua visão lhe faz reconhecer o primeiro Deus como incorpóreo e como Espírito, o Bem.

Tat: Então esse ser vivente não é aniquilado?

Hermes: Fala, meu filho, uma linguagem alegre e jubilosa e concebe o que é Deus, o que é o mundo, o que é um ser imortal e o que é um ser sujeito à dissolução; compreende que o mundo nascido de Deus está em Deus; que o homem nascido do mundo está no mundo; e que Deus,

## Pouco a pouco, o homem reconhecerá interiormente a voz do Deus original que conversa com ele!

a origem do todo, mantém tudo encerrado em si mesmo e o guarda (*Corpus Hermeticum*, nono livro, Hermes a seu filho Tat).<sup>5</sup>

**ESPERA-SE PELA ALMA** “E essa ordem é mantida indestrutível mediante o retorno de cada um deles ao estado de perfeição”, diz Hermes na citação acima. Por outro lado, tudo o que é da natureza retorna para a natureza em um estado de desintegração. Mas a força unificadora – “a alma” dos corpos indestrutíveis – esta sim, retorna. Isto é, ela poderá retornar se o ser humano, em contemplação interior, aproximar seu ser do “Deus original”.

É nesse sentido que se espera pela humanidade. Isto é, pelo dia em que o homem se descobrirá, em que reconhecerá interiormente, pouco a pouco, a voz do Deus original, que conversa com ele. É essa voz que chamamos de “rosa-do-coração”: a voz que podemos escutar e seguir conscientemente. É isso o que se espera de todos os seres criados: que passem da ignorância e da inconsciência para o conhecimento verdadeiro – a Gnosis. A mensagem principal de Jesus, nos evangelhos é: “O reino de Deus está dentro de vós”. Apesar de ele haver-se expressado de forma tão clara, poucos são os que escutam essas palavras como se fossem dirigidas a si mesmos. No próximo artigo continuaremos a tratar da evolução da consciência através da natureza, ao longo do caminho do relacionamento com o “totalmente outro” – caminho que leva a um diálogo interior, no qual, afinal, é o próprio ser humano que formula a resposta 🌀

### Fontes:

- 1 Boehme, J. *Cristosophia: der Weg zu Christo* (**Cristosophia: o caminho para Cristo**). Frankfurt: Insel, 1992.
- 2 Buber, M. *Eu e tu*. 10.ª ed. São Paulo: Centauro, 2006.
- 3 Bos, A. *Hoe de geest de stof kreeg: de evolutie van het ik* (**Como o espírito recebeu a matéria: a evolução do eu**). Zeist: Christofoor, 2010.
- 4 Bruno, G. *Acerca do infinito, do universo e dos mundos*. 3.ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.
- 5 Rijckenborgh, J. van. *A Arquignosis egípcia*. São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1986. Tomo II.

# sobre o homem

## Apenas podemos viver por meio dos outros

“Encontrei inúmeras pessoas, visitei muitos lugares onde, digamos, fica evidente que deveríamos encontrar aquilo que procuramos. Mas, ao final de cada dia, eu voltava para este quarto de hotel inundado de calor. E vocês podem imaginar que esse vazio me deixava inquieto e me inspirava até certa angústia. Portanto, foi no decurso de tais impressões, no ambiente sinistro deste quarto, que minha consciência acordou, como que sob um choque.

Eu percebia que nossa viagem e nossa procura não haviam dado, até aquele momento, nenhum resultado: eu me perguntava por que, pois de qualquer forma era importante. Mas o que procurávamos se passava de forma totalmente diferente da que concebêramos. Não estava em outro lugar, está em todo lugar, inclusive aqui em W., neste horrível quarto de hotel. Devia haver um grande número de pessoas como nós, buscando aqui. Muitos já deviam ter encontrado, enquanto apenas tateávamos na sombra. Nós não somos pessoas únicas ou especiais no meio da humanidade. A humanidade é um todo. No fundo, era justamente o que eu compreendia, espremido nos vagões cheios dos trens.

É bom procurar, viajar. Mas encontrar, no meu ponto de vista, é outra coisa. Pode ser: refletir num quarto vazio, tomado pelo silêncio. Eu preferiria expressar de outra forma, pois, de um jeito ou de outro, isso interessa muito às pessoas. O que procuramos tem um valor absoluto e pode livrar-nos de todos os nossos males e de todas as nossas viagens sem resultados. Se nós o quisermos, bem entendido.

Será uma missão impossível? A ideia de que somos numerosos me deixa cheio de esperança.”

Carta de um viajante



**A**té agora temos tentado descobrir como o ser humano, desde a aurora dos tempos, é chamado para voltar, para retornar: “Vem a mim!”. É a ele que são dirigidas essas palavras tão significativas dos mitos ancestrais da criação.

Esse chamado para o retorno do *Omnia ab Uno – Omnia ad Unum* (tudo vem do uno e tudo retorna ao uno) chega a cada ser humano. Significa o retorno ao fundamento de sua existência: desde o começo, quando acaba de nascer e sua alma pura é ligada a um belo e magnífico corpo – o que, por si, já é uma completa maravilha. Mas logo observamos que o ser humano vive bloqueado em uma inércia existencial, passando pelos acontecimentos e tristezas da vida na terra. Ele mal consegue assegurar sua sobrevivência. A partir de certa idade, as circunstâncias exigem todo o seu tempo. Portanto, a partir de sua juventude, ele chega à consciência, à compreensão de sua situação. Isso faz com que ele veja o que pode fazer quanto a seus parentes próximos e observar os erros que comete em relação aos outros.

Vemos como tudo isso nos impulsiona em direção à consciência, ao conhecimento do que é o mundo ao nosso redor, e ao conhecimento de nós mesmos neste mundo. Conseguimos descobrir por que está gravado no frontão do célebre Templo de Apolo em Delfos: “Homem, conhece-te a ti mesmo”. São palavras originadas no Egito e completadas pela frase: “E conhecerás a natureza e os deuses”.

Jesus diz: “Se vos conhecerdes, sereis conhecidos e sabereis que sois filhos do Pai vivo. Mas, se não vos conhecerdes, vivereis na pobreza, e vós mesmos sereis essa pobreza” (*Evangelho de Tomé*, logion 3).

Depois disso, considerando a natureza das coisas, queremos ter uma atitude despojada de egocentrismo. E aqui aparece uma armadilha. Será que o autoconhecimento serviria apenas para saber como é que o psíquico e o emocional se associam? Os questionamentos psicológicos como: “O que isso tem a ver comigo?” “Como estou me sentindo?” – e outras perguntas como essas estão logo abaixo da superfície. Isso sem falar nas camadas do inconsciente, que afloram espontaneamente, chamando a atenção da consciência. Entrando nesse domínio, podemos dizer que não é assim que procuramos conhecer a nós mesmos. Conhecemos apenas as colunas, os pilares e cúpulas não demolidos do passado, que são, na verdade, uma construção cambaleante – entretanto, perfeitamente real: trata-se da consciência que chamamos de “eu”, e que muitas vezes se apresenta amável, brilhante, vergonhosa, ciumenta e assim por diante. Definitivamente, não é a imagem de um verdadeiro homem superior.

De certo modo, intuímos que o ser verdadeiro deve encontrar-se em outro plano e agir por meio de outras faculdades. E é nessas trocas com o outro ser humano, e com o “Outro no ser humano”, que aprendemos a conhecê-lo.



**O homem, representação na forma de seqüências CTAG (citosina, timina, adenina, guanina) do código do ADN (ácido desoxirribonucleico, ou DNA, em inglês).**

**VIVER POR MEIO DO OUTRO** Segundo o filósofo lituano Emanuel Lévinas (1906–1995) podemos dizer que vivemos exclusivamente por meio do outro. Com o nosso nascimento, começamos, antes de tudo, a nos familiarizar com os que nos rodeiam. É o primeiro horizonte, onde tudo se vai delineando. Os outros fazem parte de nós à medida que se alegram com nossa existência e a tornam mais fácil. Desde o início, possuímos o instinto de conservação, e, em função disso, nos servimos de todas as coisas que estão ao nosso alcance. Asseguramos nossa autonomia ao apropriarmos de tudo. Absorvemos alimentos e bebidas, alugamos filmes, utilizamos nosso carro, possuímos livros, uma moradia, e também

coisas imateriais. Todas essas “outras coisas” são da mesma natureza: elas constituem nosso “eu”, são suas propriedades. Mas com o tempo, essa forma de vida e essas posses já não nos satisfazem, pois não nos colocam em situação de aprender a conhecer a realidade do que é o outro. É assim que deixamos para trás a faculdade mais importante que poderia elevar-nos acima de nosso instinto de conservação. Essa faculdade é o amor.

Os grandes pensadores dizem que não há felicidade maior do que conhecer o outro. Na filosofia hindu, os Vedas ensinam que não há diferença entre o outro e nós. *Tat tvam asi*, ou seja: “Tu és isso”. E comparam o outro a Brahma. Com o mesmo espírito, Jesus disse:

## O ser humano é aquele que aprende, que dá e toma, que pode dizer: tenho necessidade de você!

“Ama a teu próximo como a ti mesmo”. Um poeta persa fala de forma lírica do “fogo que alimenta a si mesmo”, assim como da “fonte inesgotável” – outra coisa que estimula a nossa verdadeira natureza: o amor. Ser interpelado pelo outro é o começo da verdadeira libertação. Para começar, servimo-nos da criação em torno de nós a fim de assegurar nossa própria existência. Em seguida, a criação se abre para nós e nos interessamos por essa maravilhosa criação que nos rodeia. Então, começamos a perceber o outro ser humano, pela primeira vez. E, assim, passamos da surpresa para a admiração, e da admiração para “uma balbuciante adoração”, nas palavras de J. van Rijckenborgh. E nos damos conta de que, sem esse outro ser humano, não existiríamos.

O ser humano é aquele que aprende, que dá e que recebe. Ele pode dizer: “eu preciso de você” e suplicar “tenha necessidade de mim!” Ele sabe se fazer pequeno como Lao Tsé aconselha: “Ele é como a água e busca os lugares mais baixos para acumular-se e correr em direção ao vasto oceano” (*Tao Te King*, capítulo 66).

Somente numa vida com os outros e para os outros é que podemos ser alguma coisa e realizar nossa autodescoberta. O que acontece quando encontramos alguém? Na maioria das vezes, ficamos meio conscientes um do outro, e nada mais fazemos do que passar diante dessa pessoa. Por exemplo: alguém chega para falar comigo, e, num instante, tudo muda – eu

não vejo apenas o seu olhar, mas muito mais. Vejo um mundo, uma história no futuro, a necessidade que essa pessoa tem de mim. Tudo isso é muito comum, aqui, no tempo. Mas se eu conseguir enxergar nessa pessoa o homem original, é porque, em meu imo, o homem original já foi despertado e meus olhos se abriram, iluminados pelo Espírito!

**TRANSCENDER O INSTINTO DE CONSERVAÇÃO** A primeira e maior etapa rumo à libertação definitiva acontece quando nos abrimos e sentimos amor e preocupação com o outro. Essa é uma nova responsabilidade: podemos aprender a estar unicamente a serviço do outro, a nos abrimos completamente para o outro, esse ser único, tão especial. Não é que o próprio ser humano não seja importante – ao contrário! Não é Jesus, o portador do Cristo, que nos diz: “Amarás ao teu próximo como a ti mesmo”? Daí as sábias palavras dos rosa-cruzes: “Servir em autoesquecimento é sempre o caminho mais curto e mais alegre para se chegar a Deus”. É um fabuloso segredo, talvez o maior de nossos deveres em nossa época. Segundo Lévinas, o ser humano precisa transcender seu instinto de conservação. Viver é estar em todo lugar, pensando e dando sentido à vida: é poder ajudar, instruir, de olhos abertos para o bem-estar de todos. “O reino de Deus está dentro de vós”, diz o Evangelho. Mas somente o encontraremos no serviço ao próximo.

O não ser é o espelho do ser absoluto.  
Nele se refletem os raios da realidade,  
e esse reflexo jorra a cada segundo.  
A unidade se manifesta sob o aspecto da multiplicidade,  
assim como quando você conta apenas 'uma' coisa e vê que  
existe uma multidão delas.  
Todos os números começam com o um, mas não têm fim.  
O não ser é puro em si mesmo,  
e o "tesouro escondido" se reflete nele.

Shabistari

O homem-alma, o ser verdadeiramente maduro interiormente, levanta seus olhos em direção ao Espírito, embora seu coração esteja voltado para todos os seus irmãos. Estas palavras são ainda mais claras: “Se vossos guias vos disserem que o reino está no céu, então as aves vos precederam; o reino está no mar, então os peixes vos precederam. Mas, o reino está dentro de vós, e também fora de vós. Se vos conhecerdes, sereis conhecidos (Evangelho de Tomé, logion 3).

Aqui o reino está diretamente ligado ao processo de autoconhecimento: é a vida espiritual propriamente dita. O reino é “um estado de consciência, aqui e agora”, verifica Jacob Slavenburg em seu livro *Inleiding tot het esoterisch christendom* (Introdução ao cristianismo esotérico), e ele acrescenta que os ensinamentos de Jesus incitam seus ouvintes a se tornarem conscientes de si mesmos, tal é o reino. Trata-se da consciência da realização total do ser humano – mas isto apenas pode ocorrer em colaboração com o outro. E apenas pode acontecer onde a verdadeira ligação se torna possível: no domínio da alma. É aí que se dá o verdadeiro “diálogo”.

**ESPINOSA** Diálogo é uma conversa entre duas pessoas que respondem, cada uma na sua vez: é uma troca de ideias, de opiniões – uma ligação mútua. Os dois oferecem, um ao outro, um reflexo de si próprios. Nesse reflexo, tentam alargar suas visões, aprender um com o outro. É uma oportunidade de aprenderem com o

meio que os cerca, com o que está fora deles. Digamos que, pelo contato com nossos semelhantes, aprendemos a nos conhecer. Mas onde anda nossa *capacidade de conhecer*? O que é *conhecer*, de fato? Espinosa responde em sua *Ética*: “A compreensão sem o poder mental do espírito é o método pessoal do ser: ela o mantém fixo em si próprio” (Espinosa. *Ética*, 14). Com nossos sentidos, percebemos as dimensões do espaço-tempo. Visto que nossas percepções desencadeiam nossos pensamentos, sentimentos e vontades, chegamos a uma compreensão com base em nossas percepções. É assim que nos identificamos, e isso nos conduz à consciência experimental. A natureza circundante nos estende um espelho que nos oferece nossa visão da vida. Na verdade, é esse espelho que constitui a base de nossa existência. Se, no decorrer de nossas experiências, ficarmos bloqueados nesse ponto e nada fizermos com essa sabedoria, nosso desenvolvimento estagnar-se-á.

“Nós nos fixamos em nosso próprio ser”, diz Espinosa. Vemos o mundo através da consciência que nós próprios constituímos e vemos tudo através de nós mesmos. Não vemos o sol, mas sim a idéia que fazemos dele: vemos apenas nossas próprias projeções. Não ouvimos nossos interlocutores, mas sim nossas próprias interpretações do que ouvimos.

Espinosa também fala a respeito de um conhecimento que nos permitiria entender as coisas em sua essência. Nosso poder mental não é espiritual. Somente o será quando nossa inteligência for guiada pelo poder mental do Espíri-



**Homem e vacas sobre uma ponte na Geórgia.** © Archil Kikodze

to e aí perceberemos a essência das coisas. Ele acrescenta: “O Espírito tem o poder de nos dar todas as imagens ou impressões formais das coisas – e isso até chegar à idéia de Deus”.

“Todas as imagens, à medida que se referem a Deus, são verdadeiras, porque todas as imagens existem em Deus e correspondem inteiramente ao que ele representa, logo são verdadeiras” (Espinosa. *Ética*, 32).

**O AMOR** “Quem faz do amor uma verdadeira imagem, sabe que sua concepção é justa e não pode duvidar de sua verdade” (Espinosa. *Ética*, 43).

Uma grande quantidade de interpretações e de informações não traz o conhecimento da essência das coisas. A essência das coisas pertence a um estado que se encontra muito além de nosso espaço-tempo: é um estado com o qual, em princípio, só temos algo em comum – o amor. Nosso ser microcômico – que é o homem verdadeiro, cuja transcendência nos envolve e penetra – fala-nos constantemente a

respeito desse conhecimento, dessa sabedoria do amor. Essa “essência das coisas” fala como uma voz interior. Hermes diz ao buscador: “Porque o que é criado, vem a ser, como já foi dito, por outro; ora, nada pode existir, que já não fosse antes que tudo viesse a ser, com exceção do que ele mesmo nunca veio a ser: o criador. [...] Além disso, todas as criaturas são visíveis; ele porém, é invisível. É justamente por isto que ele cria; para tornar-se visível! Assim ele cria incessantemente; e assim se faz visível. Desse modo deve-se pensar, e, desse modo, chegar à admiração, e a considerar-se bem-aventurado por ter aprendido a conhecer o Pai” (Hermes Trismegisto, *Corpus Hermeticum*, Livro XV, vers. 3-5).

Podemos vivenciar esse pensamento esboçado por Hermes quando nosso pensamento comum, nossa faculdade de entendimento descobre que é “pobre de espírito”. Quando o Espírito ainda não pode manifestar-se na alma, ele em realidade não vive. Essa compreensão é a porta que leva à verdade.



## Realizar a iniciação é silenciar e encontrar-se em verdadeiro intercâmbio com o outro. No silêncio, o outro fala!

Amor é ligação. É o amor que lança uma ponte entre o buscador que aspira à libertação e o mundo do “reino de Deus”. Afinal, no mundo verdadeiro, somos semelhantes ao que vemos, às coisas que atraem nosso coração.

Sobre isso, Felipe diz em seu evangelho:

“Ninguém pode ver algo das coisas imperecíveis a menos que se torne como elas. Não é assim que se passa com o homem neste mundo: ele vê o sol, sem ser o sol; vê o céu, a terra e todas as outras coisas, mas não é essas coisas. Mas, se vês algo do reino da verdade, tornas-te verdade. Se vês o Espírito, tornas-te Espírito. Se vês o Cristo, tornas-te o Cristo. Se vês o Pai, tornas-te o Pai. Assim, aqui neste mundo vês todas as coisas e não vês a ti próprio. No outro mundo, contudo, vês a ti mesmo, porque o que nele vês, nisso tu te tornas” (Evangelho de Felipe, logion 36).

Deus quer ser conhecido por todos. E, para isso, ele nos oferece tanto o outro ao nosso redor como o “Outro” em nós. Ele nos oferece a faculdade do não ser, que é, em si, a pureza. O não ser é como um espelho no qual Deus vê a si mesmo e nós nos vemos nele.

Realizar a iniciação é silenciar e encontrar-se em verdadeiro intercâmbio com o outro. No silêncio, o outro fala! Se nós, seres humanos, abandonarmos nossa lógica limitada, Deus, o

Logos, irá glorificar-se no diálogo mantido com sua criatura, o homem criador. Esse é o significado da expressão “o fogo que alimenta a si mesmo”, ou “a fonte única e inesgotável”. Então, o ser humano estará sobre outro fundamento existencial. O que é conhecido já não estará fora do conhecedor ✪



zonger vñ rēhne gods in die an ons. dā  
 in egen geboren sijn in di werlt. dat was schein vñ sel  
 de sijn vñ nach deme sijn. vñ nicht durch den sijn  
 ut vñlich vñrcht. vñ nu we en rich konic der da heite  
 me schone dochter. gebe h di eines armen māns sijn. al di  
 de zu deme geslechte horten di viden da von er vrower. vñ  
 er hoiet vñ geuor deg. sijn spracht en mest Got ut mensche  
 viden da von gehort ist vñ geuor allis mensche kine  
 des ungete vñ vñs wol vrowen. dat xpe vñse brud ut geuor  
 von egen enē vñ alle di core d'engels. vñ sijn zu d' rechte  
 hant des vades. d'ere mest hat wol gesprochen. al vñliche  
 ich gebe u vñ dar iñne was hulte mich dat ich berde enē brud  
 d' da rēche we vñ vñe ich da bi en arm mā. wag hulte nach  
 herte enē brud d' da we en wiser mā vñ we ich da bi en me.  
 Ich sijn en ande vñ en nāhs Got ut n' alleme mensche vorden.  
 suad h hat niet hōse nē an sich genūc. sijn sijn di mensche  
 te mensche. dat alle mensche sijn. glich dā d' nē. al ich sijn vñ  
 ebe alle dat gut dat alle heilige be sēren hāt vñ mare gods und  
 vñ xpe nach sijn mensche. dat ut nūc yge und nē sijn nach sijn vñ  
 vñge. sijn ich nē nē hāt allis dat xpe nach sijn mensche ge leste  
 mag. wo vñ ut dan dat. dat vñ xpm hōhe vñ vñedige all vñ  
 seie hāt vñ got. dat ut da von wan h ut geuor en bode vñ  
 gode zu vñs nūc hat vñs sijn genigen zu vñs alheit. di sēker  
 di vñs zu nūc di vñs vñt do d' vñt sijn sijn geuor. in deme  
 vñest grunde da hat en inwēch. die nē. di nē ut ei vñ enē  
 die. hi mag woler was vñ ligen nūc ut zu hangē dat ut die ei nē.  
 sijn hāt ei aude vñ en swar. vñ in d' bloheit d' nē. an nūc  
 sal bestē d' nūc all sponen vñ ge gangen sijn. alle dat h de nūc  
 ehen d' ad mer ad. den he nūc ouge zu ge act. dat h' den nēche  
 als dat guds grūc. al demē d' b'one ut vñ sijn beuelich vñt  
 ut alle di vñle dat du d' nē plec me guds gant vñ dē nēche  
 den du n' ge zēst. sō ut d' vñlich vñrcht. noch du gelugers vñ



Página de uma alocução do mestre Eckhart (Universidade Georg-August, em Göttingen).

# conversa consigo mesmo

## Conhece a luz e estabelece amizade com ela

Hermes, Pimandro

**Q**uero marcar uma entrevista.  
— O Senhor tem hora marcada?  
— Pra dizer a verdade, não. Mas preciso marcar uma entrevista.  
— Qual seria o assunto? É alguma coisa grave, séria? Seria a respeito de Deus? Ou a respeito de futilidades?  
— As duas coisas. É sobre a vida dos homens, que é pesada para muitos e leve para poucos.  
— Por que o Senhor gostaria de discutir sobre isso?  
— Quero sondar se é possível tornar mais leve a vida de um grande número de pessoas, oferecendo-lhes a possibilidade de se desvencilharem do “peso” de sua vida.  
— Resumindo: trata-se de conquistar a libertação?  
— Isso mesmo.  
— Acho que desejar obter libertação para si mesmo é uma atitude bastante egocêntrica.  
— Mais ou menos. Imagino que, para libertar outras pessoas, seja preciso primeiro libertar-me, com base em certas condições favoráveis. Esse não seria o único meio viável?  
— Quanta pretensão! Quem o senhor pensa que é para decidir que deve ser o primeiro a livrar-se do peso da vida para que os outros sejam libertos?  
— Olhe só o que acontece comigo: não consigo libertar a mim mesmo, mas quem opera esse trabalho em mim, sem que eu compreenda exatamente como, é uma força magistral, que não consigo controlar, invisível. É por isso que eu gostaria de marcar essa entrevista.  
— Tudo bem. É possível. Mas qual é a base dessa suposição?

— Que suposição?  
— A suposição de que existe um mestre invisível que realiza o trabalho.  
— A base de tudo é a sabedoria – tanto a ocidental como a oriental. E a sabedoria universal, como a conhecida tradição do cristianismo ocidental, diz: “Meu jugo é suave, e meu fardo é leve”. Com isso, quero dizer que o mestre interior torna leve o que é pesado. É isso o que chamam de “caminho da cruz”.  
— Mas você está se baseando na fé das autoridades. Ainda não compreendeu nada por si mesmo e, além do mais, não encontrou resposta às perguntas: “Por que todos as pessoas precisam ser libertadas?” e “Quem realizará essa tarefa, você?”  
— Entendo que preciso sondar mais profundamente. Gostaria que pudéssemos fazer isso juntos, pois acredito que vale a pena. Mas acho que seria melhor começar depois da minha “entrevista”. Está combinado?  
— Sim, claro que vale a pena! Sinceramente, também me preocupo com esse tema. Não só o considero interessante como também acho que os homens deste mundo precisam aprender a livrar-se do peso de sua vida.  
— É por isso que estou solicitando uma entrevista de seleção.  
— Muito obrigado.

**FALAR DEMAIS, FUGINDO DO TEMA** Um bom diálogo é o que envolve interlocutores que acreditam nos mesmos valores, são dotados do mesmo bom senso e pensam que as almas – tanto as almas que somos quanto as que nos tornamos – possam



threads of connection hither and thither, have ended by pro-  
claiming the Kumâras "due chiefly to the fancy of the Purânic *Wizards*  
*Ma* - we are told by the author of the *Golden Lotus* of the *Lotus*"  
is Five; Kara, a hand with its  
five fingers, as also a five sided sign or a pentagon. The  
Kumâra, (in this case an anagram for occult purposes) are  
- because the last two names have *often been kept secret*;  
five in esoterism, as Yogis they are the fifth order of Brah-  
madevas, and the five fold Chohans, having the soul of the  
five elements in them, Water and Ether predominating, and

Therefore their symbols were both aquatic & fiery. "Wisdom *is* ~~is~~ *from* lies  
concealed under the couch of him who rests on <sup>the golden lotus</sup> ~~the~~ *(pradma) lotus* floating on  
the water." In India it is Vishnu (one of whose avatars was Buddha, as some claim)  
in days of old). The Prachetasas, the worshippers of *Sârâyana* (who, like his  
mind or dwelt over water under the waters) plunged into the depths of the Ocean in their  
devotions, and the Prachetasas are ten *historically*, five, *esoterically*. "Prache-  
tas" is in Sanskrit the name of ~~the~~ *the* ~~prachetas~~ *of* Varuna, the water god, & the same  
as Poseidon (Neptune). The Prachetasas being thus identical with the five  
ministers of XWZZAP (Poseidon) of the Perata masters, ~~the~~ *respectively*  
AOT, AOA, OTΩ, OTΩAB, "the triple name (thus making seven of  
the fifth being lost" - i.e. kept secret. This much for the aquatic  
the true symbol - spiritually. Not

Fragmento do manuscrito da Doutrina Secreta, de Helena Petrovna Blavatsky (cerca de 1880)

encontrar-se no plano mental para trocar ideias. Essa troca deve conduzir à compreensão mútua. Mas, sobretudo, deve levar a uma nova e mais ampla compreensão das situações com as quais somos confrontados nesta vida. Essa compreensão pode consistir em uma sequência de ideias cada vez mais sublimes, ligadas de modo vivente a cada pessoa que se comunica, à consciência de cada uma delas. Podemos dizer que um diálogo deve ser "estabelecido"? Ele deve desenvolver-se baseado na crença dos "mesmos valores" e no "mesmo bom senso"?

Sim. Afinal, no palco deste mundo não há lugar

para a igualdade de posições. Poderes, instituições, interesses, lucro, apologias, lutas... todos esses sistemas do mundo organizam-se de tal modo que um diálogo "aberto" se torna coisa rara. Muitas vezes, o início de um "diálogo aberto" degenera rapidamente e vira uma batalha verbal, na qual um dos campos precisa sair vencedor. Um comediante holandês, André van Duijn, definiu esse fenômeno como "falar demais, fugindo do tema". Na sua opinião, essa é a marca registrada da comunicação moderna. Só muito excepcionalmente é que as pessoas se encontram para trocar ideias com base nos mesmos valores e no mesmo bom senso. Afinal, por que alguém conversaria

Sinto-me leve, aliviado, como se um peso diminuísse, quando a alma é atraída para o alto, onde ela aprende sobre si mesma e sua origem.

“abertamente” se não existe lucro ou interesse em jogo? Para obter um lucro espiritual ou para progredir espiritualmente?

Sabemos que a verdadeira humanidade é qualificada de “maravilha” nas considerações herméticas fundamentais desta edição da revista Pentagrama. E podemos ler no livro *A Gnosis original egípcia*: “O homem é uma admirável maravilha”. Nosso corpo é surpreendente por si só, pois carrega consigo a possibilidade de transmitir as ideias mais remotas.

**O ETERNO É UM MISTÉRIO** Quanto ao homem, essa admirável maravilha, no contexto hermético se trata sobretudo do termo homem no sentido mais antigo: “manas” – que, em sânscrito, significa “o pensador” e também “filho do sol”. Na civilização grega, vemos a estreita ligação do *homem* com seu pensamento autônomo. Tudo isso é escrito e relatado por Sócrates e Platão. Um diálogo “aberto” acontece sobretudo quando há troca de pensamentos entre pessoas plenas de razão. Aqui não se trata, hermeticamente falando, de um “sistema fechado”, mas sim da consciência da presença de um elemento imortal, eterno, porém latente. E, mesmo que esse elemento não esteja atuante, ou vivificado durante um período curto ou longo, ele alimenta pensamentos repletos de razão.

“Nas profundezas de meus pensamentos, sou um deus”. Essa é uma citação de William Kloos, escritor holandês do século XIX. Os iluministas Descartes e Espinosa levaram uma vida humana verdadeira, unicamente com base no poder men-

tal da compreensão: a célebre máxima “penso, logo existo”.

Quem poderia verdadeiramente expressar, ainda que parcialmente, a ideia ou a suspeita daquilo que carrega em si de imortal ou eterno? Quem poderia formular pensamentos correlatos a essa ideia numa conversa com outras pessoas? Trata-se realmente de uma questão de saber por que motivo a consciência desse tipo de ideia parece muito especial. Por que expressá-las exige talento de artista? Porque as imagens transmitidas pelas palavras e pela própria língua são muito subjetivas, o significado cai rápido em desuso, dissolve-se e desaparece.

Muitos pioneiros como Lao Tsé e Buda pouco falavam e geralmente ficavam calados. Os sábios jamais falam inutilmente. Do mesmo modo, os discípulos da filosofia gnóstica e da gnosis hermética cristã são pessoas que pouco falam. Segundo a tradição, o que é eterno e divino no homem é secreto. Essa afirmação ainda é válida nos dias de hoje. E é extremamente delicado evocar esse segredo, pois cada palavra proferida a esse respeito vai perdendo sua força – e, com certeza, isso acontece em presença dos que, por exemplo, se esforçam para obter poder, sucesso, riqueza e postos elevados. Os rosa-cruzes clássicos conheciam a expressão “sub rosa”, que significa “manter-se sob a rosa, sob o segredo”. E também a frase que diz: “não se deve oferecer rosas aos burros”.

**O DIÁLOGO VERTICAL** Na filosofia do século XX também há uma afirmação semelhante: “Sobre o que não se pode falar, deve-se calar”



(Wittgenstein). Saber calar é uma grande virtude, do Ocidente ao Oriente, de épocas antigas até os dias de hoje. O silêncio não profana a serenidade ambiente. Quando nos mantemos próximos dessa atitude, o diálogo espiritual se estabelece de modo muito especial. No Ocidente, graças aos textos herméticos greco-egípcios, estamos abertos à troca de ideias. Frequentemente trata-se de diálogos verticais interiores, ou seja, diálogos entre consciências esclarecidas numa relação de mestre e aluno. Assim – e isso é parte do segredo – também ocorre uma relação de mestre para aluno, em nosso íntimo! Esse diálogo é puramente espiritual: ele é leal e claro como cristal. Num diálogo desse gênero, conosco mesmo ou em nosso íntimo – se quisermos chegar a conclusões razoáveis – devemos formular bem o assunto e não concluí-lo. Abaixo, um exemplo de semelhante troca interior de pensamentos:

— No que se refere à minha alma, em que ponto me encontro?

— Boa pergunta.

— Sei que ela existe, e preocupo-me com seu bem estar.

— Como deduzir em que ponto se encontra sua alma?

— Talvez se me perguntasse: sinto-me mais pesado ou mais leve?

— Mais precisamente, o que isso significa?

— Sinto-me pesado pelo fato de minha alma ser puxada para baixo perpetuamente, correndo atrás de necessidades e desejos demasiado humanos. Sinto-me leve, aliviado, como se um peso diminuísse, quando ela é atraída para o alto, onde ela

aprende sobre si mesma e sua origem.

— Pergunta difícil. Isso depende. Em que medida penso em minha responsabilidade pelo bem-estar de minha alma? Consigo distinguir dois estados de ser. Posso sentir-me humano, ocupar-me de coisas cotidianas e viver incrivelmente. Mas também posso sentir essa vida de outra maneira.

— Pergunto novamente: como devo compreender isso?

— Seria mais fácil compreender se falássemos de “manifestação”.

— Um desses estados é melhor do que o outro?

— O que há de bom em alguém que tropeçou e caiu? Não. Como já disse, trata-se de uma questão de responsabilidade.

— Ter boa consciência, a satisfação de ser boa pessoa...

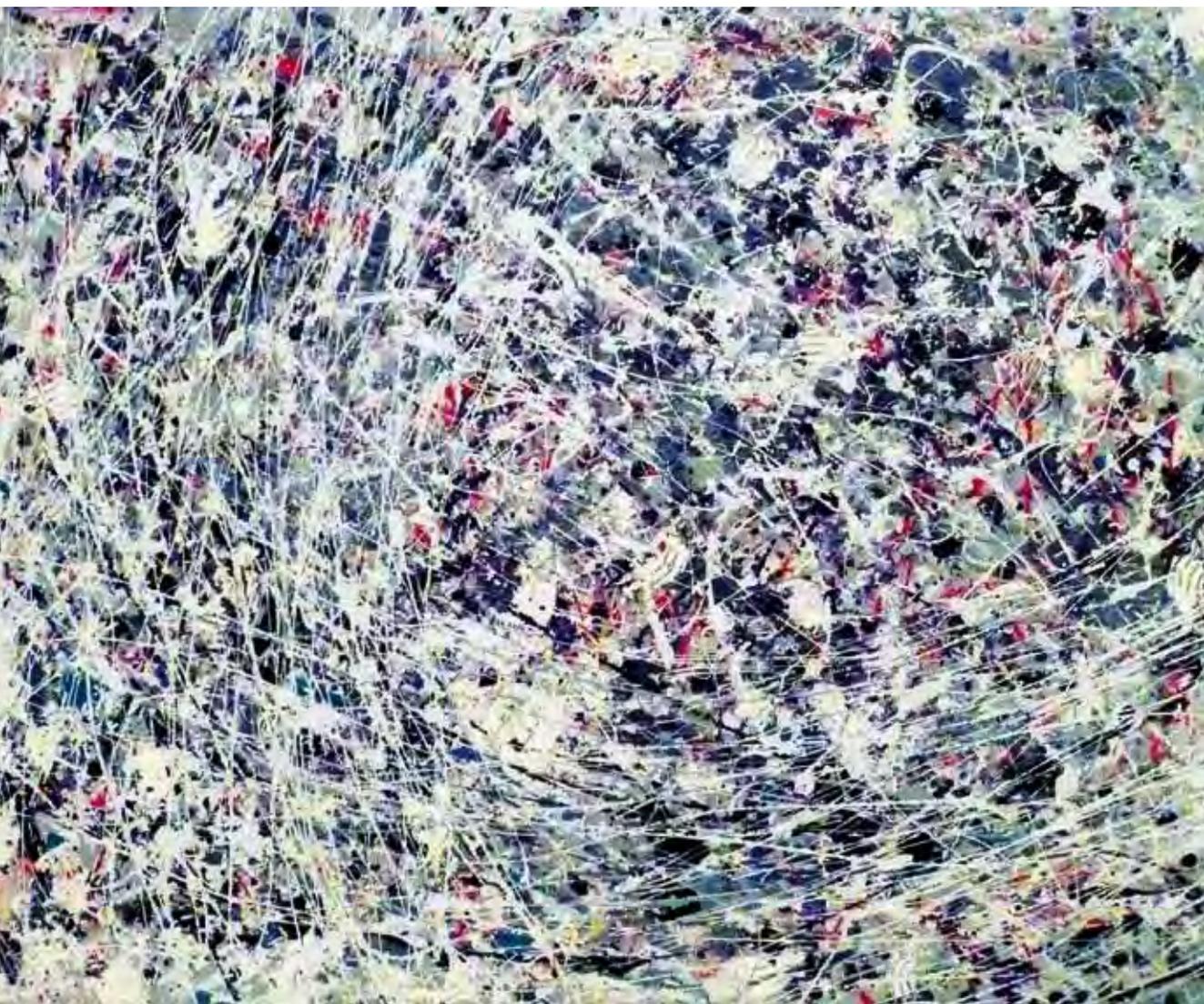
— Não. Não se trata de ser bom, mas sim de, em ambos os casos, saber que somos seres humanos.

— A alma é a consciência?

— Não. Ela não é a consciência – mas pode ser como uma voz. A consciência é um auxílio para que possamos assumir seriamente nossas responsabilidades e preservar-nos do esquecimento, da cólera cega.

— Estou gostando muito dessa nossa conversa. Não me leve a mal. Gostaria de fazer mais uma pergunta. De onde vem a preocupação com esse misterioso ser interior que, imagino, seja imaterial?

— Eu não invento nada. Eu o conheço. Isso nada tem de intelectual. É algo superior: é preciso que haja intuição. Uma intuição que ultrapassa o intelecto – que é direta, universal, eterna.



**No number (Sem número). Obra abstrata expressionista de Jackson Pollock (cerca de 1955)**

Essa sabedoria não pode ser encontrada mediante raciocínio: ela vem do coração. A alma possui a possibilidade de reconhecer o ser divino no âmago de si mesma.

— Acho que estou começando a entender. O que transforma esse diálogo é a clareza que se conquista com ele. A clareza, o brilho da alma, envolve-nos porque é com esse brilho que percorremos o caminho. O que a alma diz chega até nós através de certa capacidade de conhecimento. É assim que acontece o contato com a Luz, de onde esse brilho provém, realidade totalmente

vibrante, iluminadora, esclarecedora.

— Sim! E é isso que quero dizer com o termo *responsabilidade*. Quando pensamos sobre o caminho que a alma deve percorrer, percebemos claramente e compreendemos que podemos desfazer nossas ligações. Nesse momento, sabemos estabelecer a distinção entre a alma corporal – a nossa alma, que nos aprisiona – e a nova alma, que nos liberta. Percebemos o que devemos fazer ou deixar de fazer. Mas, caso não estejamos atentos, confundimos o bem e o mal. É daí que surgem a confusão e o esquecimento.

Sobre a natureza divina da alma, Krishna explica a Arjuna: “Se a luz de todas as luzes permanece, ela transcende as trevas da nossa ignorância. Ela é conhecimento, a única realidade a estudar ou a conhecer que habita o coração”.

**O “OUTRO” ESPIRITUAL NO SER HUMANO** Se nos aprofundarmos interiormente até chegar ao conhecimento verdadeiro – à nossa alma, ao fundamento divino da nossa existência – compreenderemos certamente o que se encontra no início do pensamento hermético. Hermes o denomina “pensamento superior das coisas essenciais”, e assim se fecha o circuito. A partir desse momento, eleva-se no microcosmo a forma original do ser humano cuja alma recebeu essa possibilidade, e ele ascende completa e perfeitamente, com grande felicidade, ao “outro” espiritual. É assim que podemos liberar a força e a luz para todos os nossos semelhantes, de maneira excepcional, vivendo e trabalhando na sociedade atual. E há realmente grande necessidade de que isso aconteça.

A força e a luz que emanam da vida universal original podem ser vivenciadas e, desse modo, podem agir. Explica-se: o microcosmo foi estruturado outrora, em tempos imemoráveis, com base nessa vida original. A luz é vibração. No mundo da matéria não existe nenhuma velocidade superior à velocidade da luz. À luz também se associa à alegria. A luz concede à terra sua beleza e a torna visível. Quando iluminamos um local, podemos observar se ele está bem arrumado. Por isso, podemos dizer que a luz vem a nós quando ouvimos ou experimentamos algo interiormente. Quando caminhamos num bosque, podemos observar como a luz cai sobre os ramos através dos galhos, como ela brinca com o orvalho sobre o verde da folhagem, em rico e cintilante bailado, enquanto numerosos raios atravessam os ramos que pendem até o chão. A cada passo dado, podemos perceber uma nova gama de cores, inúmeros e variados matizes de raios de luz.

A luz original é muitas vezes mais viva – ela é o conhecimento dos dois mundos. Do âmago do nosso ser, nós o sabemos: jamais essa luz se per-

derá. Ela jamais nos abandonará. Ela está ligada a cada um de nós até o sangue!

Por sabermos a respeito dos dois mundos, das duas naturezas, e por termos obtido esse conhecimento vivo, por termos permanecido em diálogo, podemos dizer que, nesse diálogo vertical, os dois amigos espirituais tornaram-se um *único ser*. Eles já não precisarão desaparecer do microcosmo.

Muito pelo contrário: eles o conduzirão a um desenvolvimento glorioso no novo campo de vida.

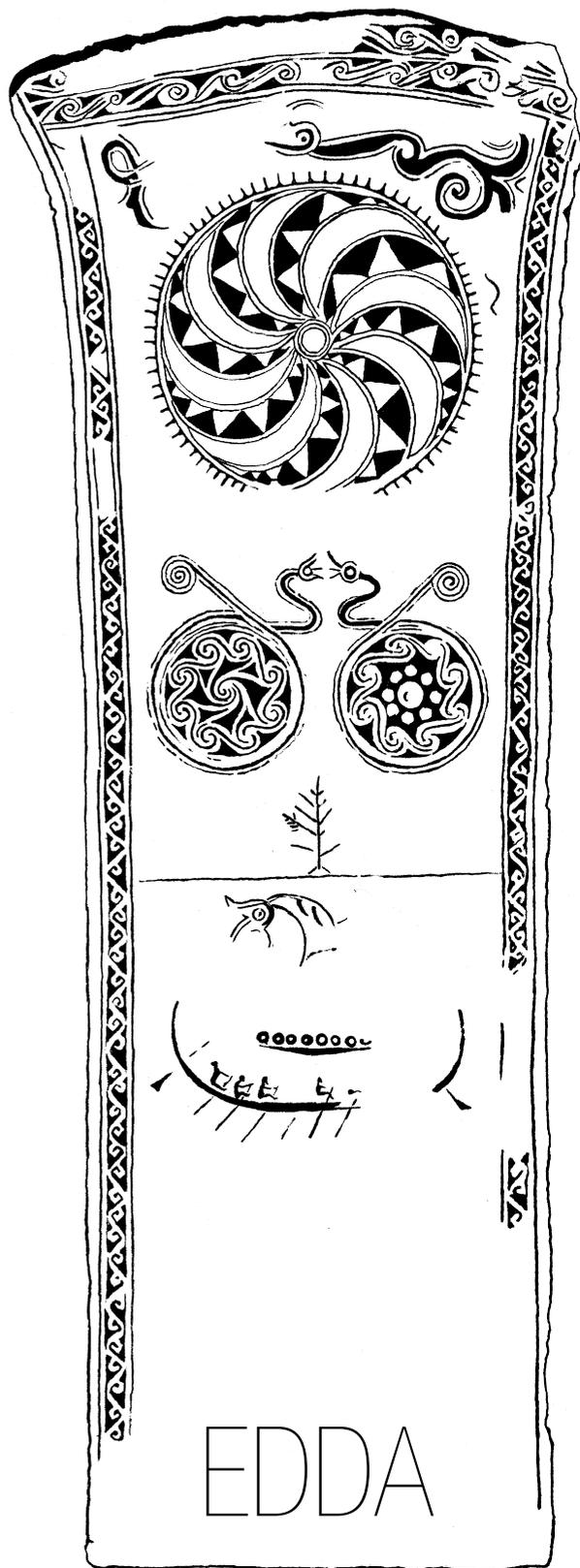
Quem assim estabelece um diálogo como esse está ligado a um saber completamente diferente, a um novo gênero de conhecimento vivente – que é a própria Gnosis ✨

*Inúmeros mitos foram-nos transmitidos por civilizações dos períodos mais diversos. Eles revelam concepções da antiga humanidade sobre o aparecimento do mundo, sobre a atividade das forças naturais, sobre os deuses, e sobre o nosso destino após a morte.*

# o destino dos deuses

Os mitos reunidos na *Edda*, uma coletânea de contos e poemas nórdicos, falam sobre os mistérios do desenvolvimento do mundo. A *Edda* transmite a verdade universal em imagens variadas que correspondem ao poder de imaginação dos ouvintes da época. A terceira parte dessa série fala sobre o destino dos deuses.

Que Völva ou Wala nos relata é apenas um mito, em sua narrativa não há nada de histórico. Das brumas de um passado longínquo, completamente desaparecido, a Völva contempla, com muita clareza, alguns acontecimentos singulares, e registra-os muito nitidamente na consciência da comunidade do Althing, que a escuta. Essa comunidade era formada pelos anciãos das famílias, pelos homens livres e pelos guerreiros. Eles eram filhos de “Heimdall”, o que “resplandece sobre o mundo”, que equivale a luz da primeira criação. Ele é a Luz do Mundo, que provém diretamente da fonte original do Espírito



e da perfeição divina. Quando Heimdall sopra sua trompa de chifre, ela ressoa através de todos os períodos do mundo como um segredo. Ouvir a “sonoridade” da luz é sempre o sinal atemporal de uma recriação do ser humano.

A Völva fala em nome do deus Odin, também chamado de “Pai universal”, ou Walvater (Pai Wal). Ele é o criador de todas as almas; é ele quem anuncia aos homens a evolução do mundo desde seus primórdios, na noite dos tempos, até seu desaparecimento final. A imagem do homem perfeito pode vir até os homens como chega a aurora que desponta. O primeiro verso da profecia da vidente diz: “Silêncio peço às estirpes divinas, filhos de Heimdall, grandes e pequenos. Desejas, ó Odin, que eu proclame as lendas antigas dos homens que recordo.”

**QUEM É ODIN?** Diz-se que Odin tem doze nomes diferentes. Isso significa que a energia que dele emana comporta um grande número de aspectos criadores. Ele e sua esposa, Freya, são os pais dos deuses mais importantes, como Baldur, Thor, Heimdall e Tyr. Esses deuses agem no plano da natureza e desenvolvem a forma e o caráter do homem material.

Odin é filho de Bor e da gigante Bestla. Ele é o símbolo de um ser espiritual que está a caminho, entre as diferentes formas da natureza. Na Doutrina Universal, podemos considerar que o nome Odin indica determinado tipo de microcosmo: ele representa a imagem espiritual original do homem verdadeiro que, em seu caminho natural, tenta lançar um chamado para esse

reflexo de si mesmo – que é o homem material, o ser terrestre.

Odin possui doze forças ou poderes criadores, que emanam da energia central do Invisível, do Único. Simbolicamente, observamos o que é transmitido pelos doze Æsires, os doze deuses que conferem sua expressão à criação como um todo. Podemos observar seu reflexo nos doze pares de nervos cranianos, essa rede de natureza sutil e extremamente sensível que toca cada uma das células do corpo humano e permite uma estreita ligação entre o corpo, a alma e o espírito. A criação de três mundos provém de Asgard (jardim ou mundo do Um). O “ás” é a carta de baralho que representa o número 1, o trunfo que vence todas as outras cartas e, como unidade, interconecta tudo.

Em seguida, encontramos os doze princípios originais, as doze correntes que jorram da fonte de Niflheim (Lar das Névoas). Também vemos aí os doze princípios que deram origem ao nosso zodíaco astrológico, também chamado de “círculo dos deuses”. Odin é a fonte original, o criador de todas as almas, o pai dos valentes guerreiros que não morrem no leito, mas que perdem a vida no campo de batalha da existência terrestre. Aqui podemos ver novamente a referência à luta interior em que o herói vence as forças que o aprisionam ao plano inferior. Odin leva a alma dos guerreiros para o Valhalla, que é o salão onde são recebidos os que morreram honradamente em combate: eles “morreram” no decorrer do processo de transformação de sua alma e despojaram-se de seu antigo ser.

Os mitos devem seu surgimento às experiências antiquíssimas da alma e do espírito. Essas experiências são objeto de representações míticas transmitidas inicialmente por via oral e depois por escrito. Essas imagens revelam uma verdade que não é nem racional nem histórica. Devem ser compreendidas intuitivamente, no nível da alma e do espírito. Nossa mentalidade atual, racional, tem a tendência de duvidar dessas sugestões. A lógica pura tem dificuldades diante de uma verdade que nos chega sob a forma de imagens. Já não há nada de familiar: tudo parece estar envolto em mistério, como se quisesse transmitir uma mensagem. Quem encontra a chave pode decifrar esse segredo. E, como todos nós possuímos essa chave no coração, podemos receber a mensagem secreta de modo consciente.

**COMO SURTIU A FALA HUMANA** No nome *Odin* também estão ocultos os vocábulos “odem, adem” (sopro, alento) e “Adam” (Adão), a alma insuflada em segredo. No antigo alemão, Odin se refere também a *Wuodan* ou *Wotan*: o que impulsiona para frente, com força, que reina na tempestade, que, na respiração, enche o pulmão de ar. É o vento que corre nos bosques e faz que os fenômenos naturais “façam”.

A *Edda* narra que Odin ficou pendurado na árvore da vida por nove “noites” (nove níveis de consciência), enquanto escutava todos os tipos de impressões e ruídos da natureza. Com base nessas impressões e ruídos ele formou a linguagem humana, tão rica de imagens. Afinal, não é verdade que, em todas as línguas, há segredos ocultos, que escondem as ligações entre o espírito e a natureza? O espírito aprende a se conhecer com o auxílio da natureza e, no decorrer de eras e eras imensas, ele transforma e espiritualiza a natureza. Nesse processo, o tempo não desempenha nenhum papel! Quem vai registrando tudo é *Mimir*, a memória da natureza. O sopro de Odin está presente em todas as línguas.

O fato de Odin ter ficado pendurado em uma árvore durante nove “noites” dá a impressão de um tipo de descida, de uma queda do espiritual para o material. Assim, para que um dia tivéssemos a possibilidade de efetuar nosso desligamento da natureza no tempo previsto, seria preciso acontecer a crucificação deliberada de um ser muito superior – e esse fato anunciaria nossa espiritualização e transfiguração. Precisamos estar bem conscientes de que os mistérios nórdicos nos

fazem pressentir, mesmo que muito vagamente, a própria essência do ser de Cristo e de sua missão. Por meio das palavras da vidente, os ouvintes sentiam dentro de si o destino dos deuses. Dentro deles, alguma coisa revivia: aspectos de uma reminiscência original. Eles “vivenciavam” Odin como uma energia resplandecente e vitalizante, como uma ligação com um aspecto superior do espírito.

Para os germânicos, Odin era o dispensador onipresente do destino. No entanto, ele próprio também se submetera ao destino. Ele personificava a força e o poder que opera em toda parte e representava, dentro de cada ser humano, a vontade, a sabedoria e a ação divinas. Ao mesmo tempo, a vidente mostra como Odin morreria em cada homem. Em nossa linguagem moderna, diríamos que Odin “deslizaria para nosso inconsciente”. O processo corre paralelamente à individualização. À medida que o “eu” humano se desenvolve, começa a ter uma percepção de si mesmo e não da ação dos deuses dentro dele. Ele já não se vê como um reflexo de uma entidade espiritual, mas como um ser independente.

A vidente percebe, também, os sinais que pressagiam um futuro cheio de infelicidades e profetiza um destino ameaçador e inevitável ✪

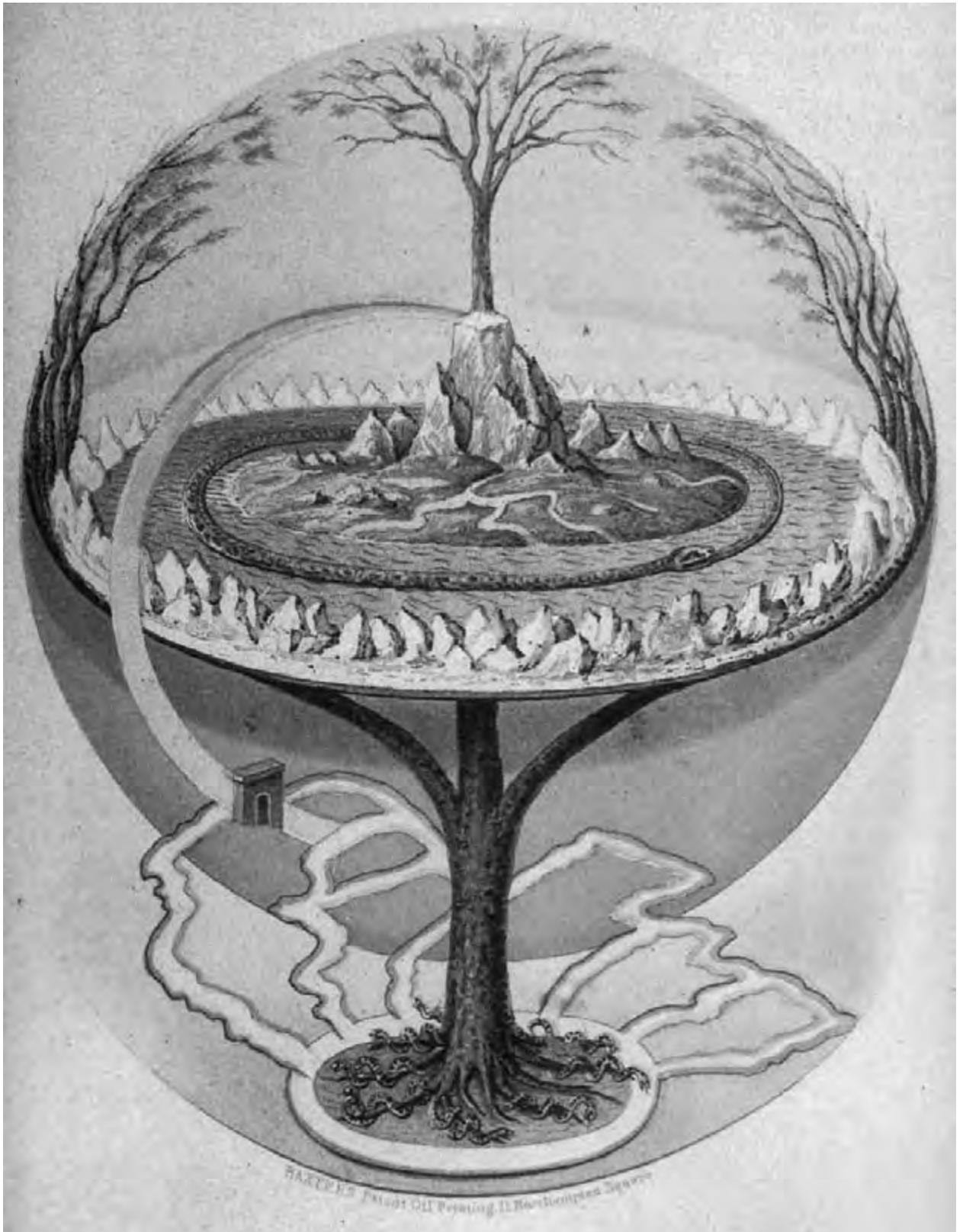


Ilustração do século XVIII representando a árvore do mundo, Iggdrasil.  
(J.C. Cooper, *Enciclopédia ilustrada dos símbolos tradicionais*, Londres, 1978).

# uma boa conversa

Em nossa época, comunicação é uma palavra mágica. No entanto, uma boa conversa nunca esteve tão pouco em evidência. O verdadeiro diálogo parece ter perdido grande parte de sua importância, agora que a comunicação humana acontece mais por meio de e-mails, sms ou Facebook. As mídias estão dominando nossa vida e nos sobrecarregam de uma quantidade incrível de informações. As conversas giram principalmente em torno do que as mídias nos trazem, e falamos cada vez menos sobre o que poderíamos dizer a nós mesmos. O mais importante é estar por dentro das novidades, estar bem informado. Quem não estiver, só pode calar-se, não pode dizer nada, nem participar da conversa.

A comunicação pessoal deixa transparecer muito da confusão de informações que mantém nossa “comunidade global” aprisionada. Todas as pessoas, individualmente, precisam ter uma opinião bem formada, cheia de argumentos e justificada com veemência. Durante alguns confrontos de estudantes da Universidade de Colúmbia, em Nova Iorque, alguns jornalistas entrevistaram o filósofo Jacob Needleman, professor e autor do livro *Lost Christianity* (Cristianismo perdido), para saber sobre sua opinião a respeito dos acontecimentos. “Não tenho nenhuma opinião a respeito”, respondeu ele, tranquilamente. Se as pessoas não se conformassem com essa resposta insignificante, ele a repetia, pois era verdade: ele não sabia o que pensar a respeito daquele fato. Mesmo quando insistiam, ele não queria tomar uma posição, e os repórteres o olhavam com certo estranhamento, perguntando: “Isso quer dizer que o senhor não tem nenhuma opinião?” Needleman teve a impressão de que não ter opinião alguma era pior do que cometer um crime. É claro que esse diálogo não foi transmitido pela mídia, pois não é comum alguém não receber bem os jornalistas. Nosso mundo de informações está ameaçado por uma polarização a ponto de ser quase uma obrigação tomar o partido de um lado e menosprezar o outro. Para sermos claros, apegamo-nos a opiniões radicais. A hesitação e a incerteza tornam difícil a formação de opinião. Exige-se uma opinião firme a respeito dos assuntos mais divergentes possíveis – e sempre precisamos justificar, dar exemplos para fundamentá-la. Isso é bem lógico, pois nossas conversas geralmente caem em discussões, debates,

brigas, e sempre nos perdemos em uma avalanche de palavras.

Por isso, estamos chegando a um ponto em que vale mais ter razão do que dizer a verdade. Trata-se de uma antiga técnica de discussão praticada entre os sofistas na antiga Grécia – e eles chegavam até a ser remunerados por ela! Vencia quem tinha razão, e a vitória era dada a quem pronunciasse a última palavra.

Nessa tentativa de definir o que qualificamos como “boa conversa”, a quem poderíamos nos referir melhor do que ao filósofo grego Sócrates? Por ser o “pai do diálogo socrático”, ele atraía a hostilidade dos sofistas. Sócrates não era um mestre da conversa cotidiana sobre “tempo bom” ou “tempo ruim”. Pessoalmente, ele também não queria convencer ninguém a qualquer preço. Mas ele acabou colocando em dúvida todas as falsas certezas de seus interlocutores. Como ia fazendo perguntas cada vez mais profundas, ele os levava a tomar consciência de que realmente não sabiam nada. Desse modo, resumia a conversa e dava fim a toda tagarelice das pessoas muito seguras de si. Sócrates colocava-se como um exemplo, pois dizia que também não sabia nada a respeito de nada e que não achava que poderia saber de tudo. De certa forma, só de dizer isso ele já se mostrava mais sábio do que os outros. Karen Armstrong tem razão quando se refere ao método de diálogo socrático em seu novo livro, *Em nome de Deus*<sup>1</sup> (*The Case for God*). Segundo ela, as polêmicas sobre as grandes questões vitais são sempre improdutivas, pois impedem que a pessoa vivencie experiências espirituais autênticas.





o Deus “delas”. Fazendo isso, elas entram em uma luta desigual com o produto de sua própria imaginação, sob o império de uma criação demoníaca que as força a uma obediência muda e que submete sua fé de forma autoritária. No fim, elas acabam perdendo totalmente a fé e negam a existência de Deus.

No entanto, uma negação como essa também pode ter um efeito purificador, pois o choque da ignorância pode fazer-nos transcender a nós mesmos e tornar-nos acessíveis interiormente ao mistério indizível da vida, como podemos ler, por exemplo, na Bíblia, no Livro de Jó. O silêncio interior pode formar a terra que nos alimentará: a base em que os impulsos pessoais naturais acabam permitindo a escuta da palavra divina. Nesse momento, dentro de nós somente restará uma única expressão – o anseio pelo único Verbo verdadeiro: “Fala, e serei curado”. Já não se trata de falar de modo puramente informativo ou descritivo, mas, sim, de formular o pedido por uma transformação, por uma mudança fundamental. Quando a polêmica interior se reduz ao silêncio, o único Verbo divino pode fazer-se ouvir e renovar-nos inteiramente.

Na tradição gnóstica cristã, trata-se do Logos criador, do “Verbo de Deus que era no prin-

cípio e que era Deus”, como a única verdade inexprimível, mas cuja ação podemos sentir em nós. Esse Verbo se expressa também por meio de nossas ações e de nossa atitude de vida, por uma afirmação que acaba com nossas “belas palavras” que, no entanto, são vazias. Esse Verbo fala em nós no momento em que o vivenciamos e o escutamos em silêncio. O que podemos dizer quando o Verbo divino do “Outro em nós” se faz ouvir? Quando esse Verbo ressoa em uma conversa? Já não pretendemos convencer, persuadir nem sustentar opiniões contrárias: convidamos uns aos outros a ultrapassar as palavras e a descobrir a verdade transcendente que ultrapassa todas as palavras. A partir de então, a *comunicação* já não é uma troca de ideias diferentes, mas, sim, uma união, no sentido verdadeiro desse termo ☛

**Fontes:**

**I Armstrong. K. *Em nome de Deus: O fundamentalismo no judaísmo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.**



DIÁLOGO

## GIORDANO BRUNO E OS DIÁLOGOS ITALIANOS

# a profundidade da palavra de **giordano bruno**

Giordano Bruno está entre os personagens mais conhecidos do final do século XVI e é um dos mais difíceis de ser interpretado. Sua obra complexa é difícil de ser entendida em nossos dias, pois o contexto desapareceu, e as ideias, as figuras míticas e históricas já nada representam para nós. No entanto, seu final de vida atroz, em Roma, na fogueira montada em Campo di Fiore, marca o fracasso de todos os que não toleram a liberdade de pensamento. A interpretação de que Bruno teria sido um charlatão, um pretense mago, ainda turva sua imagem.

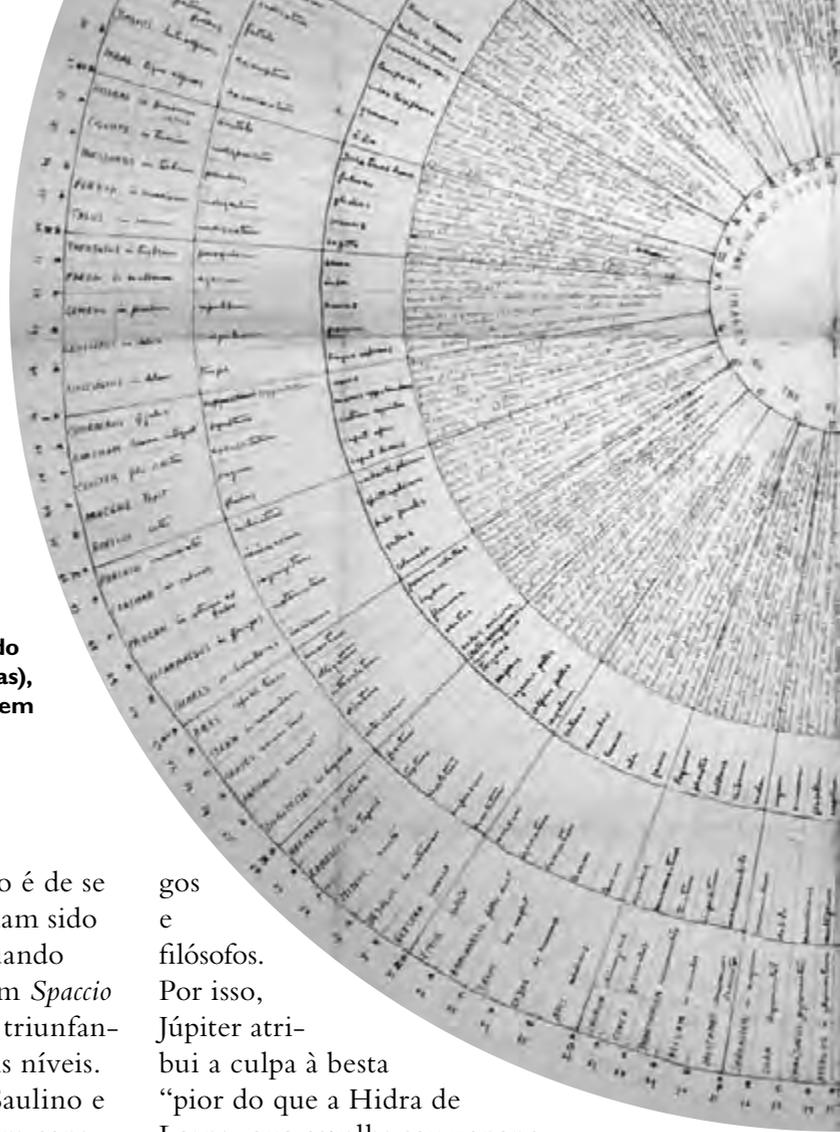
**F**ilippo Bruno nasceu em 1548 em Nola, uma localidade ao sul da Itália, próxima a Nápoles – e ele nunca tentou esconder sua origem. Em suas obras aparecem membros de sua família, o que lhes confere uma vivacidade dramática e um tom pessoal bastante particular. Filippo tinha quinze anos quando entrou para a ordem dos dominicanos de Nápoles. Foi quando escolheu seu nome monástico: Giordano. Logo se revolta contra a vida monacal e é acusado de exercer má influência em seus confrades.

Ameaçado de processo por heresia, ele foge para Roma e depois para o norte da península. Por fim, ele se refugia em locais em que o catolicismo não é tão predominante. Em Gênova, ele reúne-se com os calvinistas e logo entra em conflito com seus dirigentes, seguindo um procedimento que irá repetir-se frequentemente:

atacar determinado teólogo, em seguida chegar a confundi-lo por meio de debate, e depois ser forçado a fugir ou a apresentar desculpas.

Giovanni Mocenigo, um conterrâneo veneziano, convida-o a ir a Veneza e, depois de alguns meses, entrega-o à Inquisição, que o faz passar por um longo processo, primeiro em Veneza e depois em Roma. Bruno começa dando testemunho de contrição, mas em seguida se recusa a revogar suas ideias. Por isso foi condenado à fogueira, que era a punição usual para os hereges.

**TRÊS DIÁLOGOS EM UM** As obras de Giordano Bruno, escritas na maior parte sob a forma de diálogo, são redigidas em latim e italiano. O latim era a língua utilizada nas universidades, e o italiano era importante pelo fato de ser a língua das pessoas cultas nas cortes



**A “Roda da memória” de Giordano Bruno, do livro *De Umbris Idearum* (Da sombra das ideias), tal como foi reconstruída por Frances Yates em 1952.** Fragmento, © Warburg Institute, Londres

da França e da Inglaterra. Também não é de se espantar que muitas de suas obras tenham sido publicadas em italiano em Londres, quando Bruno aí residia, entre 1584 e 1585. Em *Spaccio della bestia trionfante* (Expulsão da besta triunfante), três diálogos se desenrolam em dois níveis. Dois personagens estão conversando: Saulino e Sofia, a Sabedoria. Mercúrio aparece em cena duas vezes. Sofia conta a Saulino o que está acontecendo no mundo dos deuses. Júpiter está mudado, pois o “ano do mundo” dos trinta e seis mil anos de seu império estão quase terminando, e o deus supremo teme ser destronado. Então, ele convoca os deuses e propõe uma reforma: todas as constelações que povoam o céu e dão testemunho de fatos antigos – principalmente os fatos marcantes da volúpia dos deuses – seriam retiradas do céu depois de serem julgadas. Em lugar delas, seriam instaladas as virtudes, que iriam expulsar os vícios capitais e secundários, e deveriam indicar o caminho para uma renovação ética e religiosa.

A passagem iminente de um século a outro (do século XVI ao XVII) constitui a razão determinante desse diálogo, que se relaciona diretamente com a Reforma. O diálogo alegórico relativamente longo foi ressaltado pelos ataques ferozes dos heterodoxos, principalmente teólo-

gos

e filósofos.

Por isso,

Júpiter atribui a culpa à besta

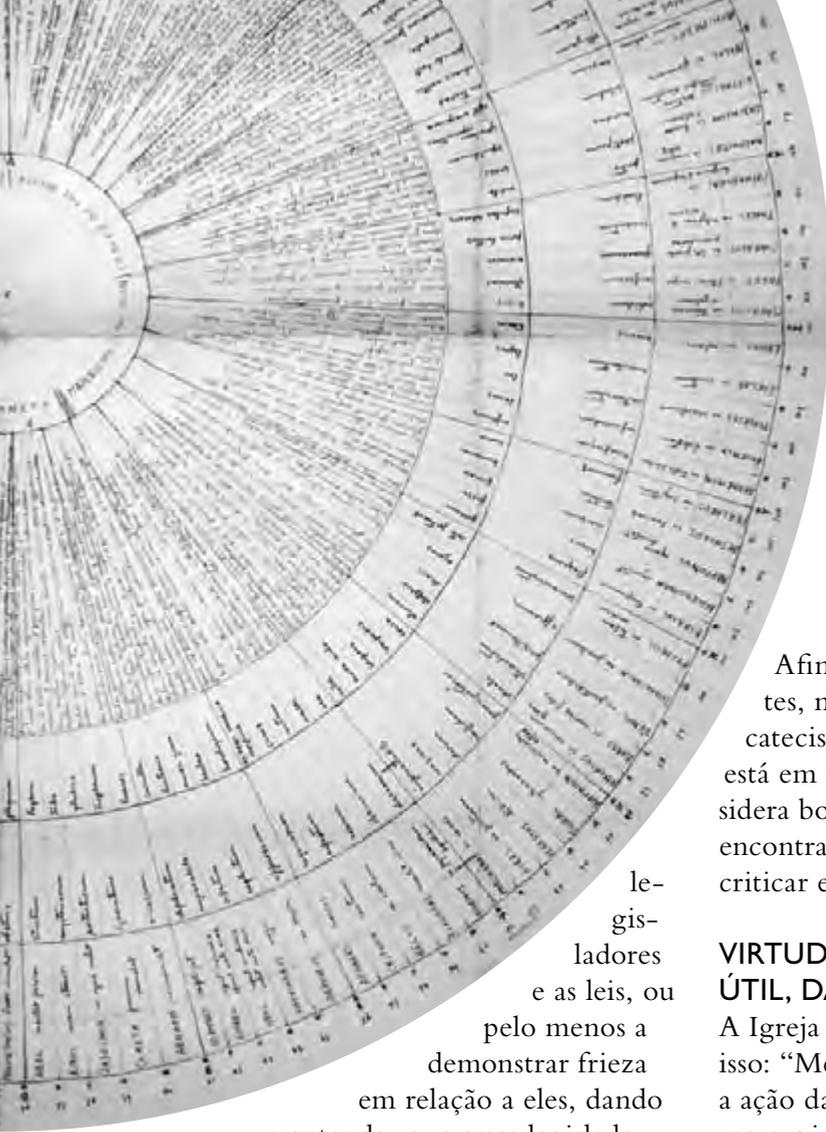
“pior do que a Hidra de

Lerna, que espalha seu veneno

mortal por meio de uma multidão de heresias”

(Lutero), e, para combatê-la, resolve enviar Hércules à Terra. Assim, Momo, que desempenha o papel de um crítico celestial e, ao mesmo tempo, de um *alter ego* de Bruno, formula

soluções radicais: “Basta acabar com essa seita de bandidos pedantes que não fazem nenhum bem de acordo com as leis divinas e naturais, que acham que são agradáveis aos deuses e querem ser considerados como eles; de acordo com seu catecismo, acham que fazer o bem é bom e fazer o mal é mau, mas pensam que não é pelo bem que fazem ou pelo mal que não fazem que as pessoas se tornam dignas e agradáveis aos deuses, mas sim pela esperança e pela fé.” No segundo diálogo, Bruno passa a palavra a Sofia: “Júpiter deu ordem para que o julgamento se realize: ele a deu e ordenou a fim de descobrir se é verdade que eles (os católicos tradicionalistas) incitam o povo a desprezar os



legisladores e as leis, ou pelo menos a demonstrar frieza em relação a eles, dando a entender que esses legisladores têm tarefas impossíveis. [...] E, quando eles dizem que querem reformar as leis e as religiões, eles acabam alterando todo o bem que aí se encontra. [...] E, por fim, quando eles (os católicos) se cumprimentam desejando ‘a paz’, estão brandindo a lâmina da discórdia onde quer que entrem. Então, tiram os filhos de seu pai, o próximo de seu próximo, o cidadão de sua pátria e causam outras terríveis separações que vão contra a natureza e todas as leis. E se, fingindo ser servidores daquele que traz os mortos à vida e cura os doentes (Jesus), eles (os católicos tradicionalistas) são os piores de todos os que a terra alimenta: eles torturam ou levam os vivos à morte, com sua língua pérfida e com o fogo de sua espada. E que espécie de paz e união eles fazem cintilar aos olhos do povo pobre? [...] No mundo inteiro, não se encontra tanta divisão e discórdia como entre eles.

Afinal, entre dez mil desse tipo de pedantes, nem sequer um só respeita seu próprio catecismo. Se ele ainda não o publicou, então está em vias de fazê-lo, ele, que apenas considera bom o seu modo de pensar e sempre encontra em todos algo para observar, para criticar e do que duvidar.”

#### VIRTUDE. A IMPORTÂNCIA DO QUE É ÚTIL, DA FORÇA E DA VIRTUDE

A Igreja de Roma também não sai ileso de tudo isso: “Mercúrio declara que o que desencadeou a ação da Inquisição em Nápoles foi uma enorme cupidez, sob o pretexto de preservar a religião.” Essa é a grande diferença de Bruno e das teorias revolucionárias de Rousseau no século XVIII: ele não tenta defender, absolutamente, a ideia de uma Época Áurea. Pelo contrário: no terceiro diálogo ele afirma que estar isento de pecados, como na antiga Época Áurea, ainda não significa que se possui “a força e a virtude”. Os deuses deram mãos aos homens justamente para que eles agissem e se distinguissem dos animais. Indiretamente, Bruno exige o retorno da primazia do livre-arbítrio contra o “recrutamento” de Lutero. Em seguida, ele fala que a sabedoria dos antigos egípcios está na ideia de que “Deus está na natureza” e até mesmo que a natureza (como todos devem saber) não representa nada mais do que a presença de Deus em todas as coisas.” Ao reverenciar a natureza, os antigos egípcios reverenciavam a Divindade. “Em certo sentido, à medida que ela se manifesta, a Divindade desce à natureza, assim como



**Monumento edificado em homenagem a Giordano Bruno. Nele há a seguinte inscrição: *A Giordano Bruno – Il secolo da lui divinato – Qui dove il rogo arse* (A Giordano Bruno – no século que ele profetizou – aqui, onde a fogueira ardeu) (Roma, Campo di Fiore, 1889).**

o homem se eleva por meio da natureza até a Divindade. Ele se alça no decorrer da existência através das coisas aparentes da natureza até a vida superior.”

**O ANO MUNDIAL DE 1600** No livro *Expulsão da besta triunfante* também encontramos o conceito de escada, que permite chegar a Deus por meio da “magia natural” – que é algo completamente diferente da prática das pessoas de hoje, que “adoram os deuses e possuem quase tanto espírito quanto nossos animais. Realmente, no final das contas, essa adoração acaba fazendo com que essas pessoas se tornem mortais sem valor, escandalosas, idiotas, fanáticas, sem honra, miseráveis, obsedadas por maus espíritos, desprovidas de cérebro, de eloquência e de “virtude”. Como não tinham nenhum

objetivo na vida, depois de morrerem ficam impossibilitadas de fazer o que quer que seja por si mesmas ou por outras.” É um ataque sem disfarces à veneração dos santos na época da Contra-Reforma.

Parece claramente que Bruno vê na chegada iminente do ano de 1600 o término de toda a tradição mosaico-cristã. Isso deve trazer uma renovação da moral por meio de um retorno à clássica “virtude” dos antigos romanos, que Bruno aprecia tanto; “magnanimidade, equidade e graça agradam aos deuses. Por essas razões, os deuses elevaram o povo romano acima de todos os outros povos, pois, por seus atos brilhantes, eles chegaram a igualar-se aos deuses muito mais do que outros povos. E como seus costumes e seus gestos correspondiam às suas leis e à sua religião, foram-lhes distribuídas

muitas honras e felicidades.” Na verdade, esse encorajamento a um novo impulso moral é o lado mais utópico de Bruno: no entanto, as estruturas utópicas como a “Cidade ideal” de Thomas Morus ou as tentativas desse tipo o deixavam bastante indiferente.

**O PRETO E O BRANCO** No debate sobre as constelações de Órion e Centauro, na última parte do terceiro diálogo, Bruno ataca disfarçadamente o cristianismo. Tratando a respeito de Órion, por exemplo, Momo declara: “Porque ele faz milagres e, como Netuno sabe, ele anda sobre as águas sem afundar nem molhar os pés e ainda traz em sua sacola os truques mais incríveis. Vamos enviá-lo aos seres humanos a fim de que lhes conte o que quer e lhes faça crer que o branco é preto, que a inteligência humana é cega exatamente onde ele acha que está enxergando melhor, e que o que é bom, racional, excelente e superior é vil, mau e corrompido [...]”

Esse diálogo, como todos os diálogos de Bruno, precisa ser considerado como um texto polêmico, um momento no caminho do autor. Também não precisamos espantar-nos com o fato de que logo em seguida Bruno aparece nos centros luteranos, como as cidades de Wittenberg e Helmstedt, louvando o reformador religioso alemão (Lutero) em sua *Oratio Valedictoria* (1588), que foi seu discurso de despedida realizado na Universidade de Wittenberg. No livro *A expulsão da besta*, o monstro da heresia que Hércules precisa vir a

combater transforma-se no próprio Hércules, que vence o cão Cérbero, que está coroado por uma tiara (mitra papal). Essa contradição ou essa mudança de direção nem por isso sugere que Bruno negue todas as ideias expressas no diálogo: suas ideias formam muito bem um sistema bastante coerente. Resumindo: aí estão dois pontos cruciais – *Os enlevos do amor* fala a respeito do amor do homem pelo divino, em oposição ao amor comum, bem dentro da tradição platônica do Eros celeste e do Eros terrestre. Como a união com o divino não pode realizar-se inteiramente durante uma vida humana, o amor heróico é de natureza trágica e, para o filósofo, uma tortura sem fim. De qualquer modo, a Divindade o conduz para o alto, ao longo de uma escada que resume vários processos que levam ao conhecimento. Esse texto é considerado uma obra-prima, na qual já se prefigura o destino de Bruno e sua atitude imperturbável diante da Inquisição.

### **A VISÃO HELIOCÊNTRICA DO MUNDO**

A opinião sustentada por Giordano Bruno sobre o cosmo é de grande importância. Em *O banquete da Quarta-feira de Cinzas* (1548), ele defende Copérnico como sendo “[...] alguém muito superior a Ptolomeu, Hiparco, Eudóxio e todos os que seguiram seus passos. Ele atinge essa superioridade quando se liberta de alguns axiomas errôneos da filosofia comum e vulgar – em outras palavras, da cegueira. No entanto, ele não pôde distanciar-se muito disso porque, sendo mais matemático do que físico, não pôde

## A amplitude da influência de Bruno é difícil de ser estimada. É bem provável que Espinosa tenha conhecido sua obra.

escavar mais profundamente para desenraizar todos os falsos e inúteis princípios, para resolver todas as dificuldades, para libertar a si mesmo e aos outros das pesquisas inúteis e direcionar solidamente suas observações para objetos indubitáveis e bem estabelecidos. Apesar de tudo, apreciemos, por seu justo valor, esse alemão\* que, sem preocupar-se com o povo sem inteligência, operou com tanta constância na contracorrente das crenças.”

Essa apologia de Copérnico, mais explícita ainda no diálogo *Acerca do infinito, do universo e dos mundos*, veio treze anos antes de um texto que não estava previsto para ser publicado, em que Galileu iria afirmar a mesma coisa, e um século antes da publicação de seu *Diálogo sobre os dois principais sistemas do mundo* (1632).

Bruno vê o universo como uma imensidão, do mesmo modo que o filósofo latino Lucrécio havia feito tantos anos antes, e postula a existência de muitos mundos semelhantes ao nosso. Além disso, não considera o universo como um espaço vazio. No interior do universo – que não tem nem centro nem direção absolutos em seus movimentos, tudo se move, tanto os “sóis” como as “terras”. Peso e leveza são conceitos

relativos. Em todas essas concepções, Bruno coloca-se como um precursor da ciência moderna. A amplitude da influência de Bruno é difícil de ser estimada. Até que ponto um pensador como Galileu tinha conhecimento de suas ideias? Não há certeza sobre isso; o mesmo acontece com Espinosa, por mais que seja provável que ele tenha lido essa ou aquela obra de Giordano Bruno.

Na Holanda, não houve grande interesse com relação a Giordano Bruno. A Rozekruis Pers dedicou-lhe um volume na série *Symposionreeks*. A editora Ambo publicou no ano 2000 a obra intitulada *Italiaanse dialogen*, que dá uma visão de conjunto brilhante de toda a sua obra 🌟

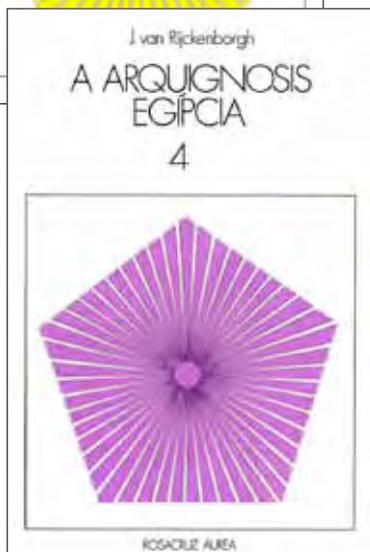
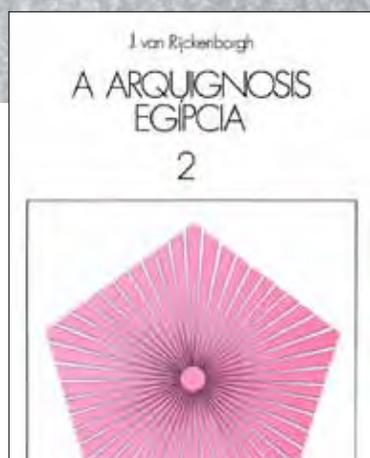
\*Apesar de Copérnico ser polonês, é assim mesmo que Giordano o apelida em seu livro (NT).

### Fontes:

Speelman, R. *Rondom een brandstapel: Bruno en Campanella in de Italiaanse letterkunde anno 1600* (Em torno de uma fogueira: Bruno e Campanella na literatura científica italiana do ano 1600).

Bruno, G. *Italiaanse dialogen* (Diálogos italianos). Amsterdã: Ambo, 2000.

# A ARQUIGNOSIS EGÍPCIA



Pentagrama Publicações  
Caixa Postal 39 - 13.240-000 - Jarinu - SP - Brasil  
Tel. (11) 4016.1817 - FAX (11) 4016.3405  
[www.pentagrama.org.br](http://www.pentagrama.org.br) - [livros@pentagrama.org.br](mailto:livros@pentagrama.org.br)

QUALQUER LIVRO

## A ARQUIGNOSIS EGÍPCIA

VOL. 2,3 E 4

*J. van Rijckenborgh*

No segundo volume da *Arquignosis egípcia*, Jan van Rijckenborgh dirige-se a todos os que em nossos dias ainda têm ouvidos para ouvir; àqueles que, tocados no fundo do coração, na irremediável desordem que eles mesmos geraram, reconhecem a necessidade de uma mudança fundamental.

O terceiro volume da *Arquignosis egípcia* traz ao homem buscador a indicação do único e antiquíssimo caminho de volta: "O Bem Único, o Bem absoluto, pode ser encontrado somente em Deus e não no próprio ego."

O quarto volume tenciona expor e esclarecer novamente a mensagem redentora de todos os tempos à humanidade pesquisadora a fim de conscientizá-la da existência de um caminho rumo à plenitude do verdadeiro destino humano.

---

**PROMOÇÃO**  
**ATÉ O FINAL DE ABRIL**

---



*Se deixares de lado algumas discussões sobre o vocabulário, descobrirás, meu filho, que o Espírito, a Alma de Deus, reina verdadeiramente sobre tudo: sobre o destino, sobre a lei, sobre todo o resto – e que nada lhe é impossível.*

Hermes não poderia ter se expressado mais positivamente que isso. Aqui, é dito intencionalmente que, mesmo no caso em que um ser humano tenha degradado e transgredido de maneira extremamente grave as leis elementares da vida, se ele se entregar e se confiar à alma eterna, ela poderá romper com o destino, por mais fatal e aprisionador que ele seja, graças ao perdão dos pecados. É por essa razão que não vamos contra nenhum ser, nem contra o que ele poderia ter feito de mal em seu passado. Que ele somente se entregue de forma positiva à sua alma e que ele dê testemunho dela por meio de sua atitude. O estado de aluno deve ser demonstrado concretamente: o aluno deve dar provas disso. O ensinamento sobre o erro, sobre a remissão dos pecados e a respeito da graça é um ensinamento hermético clássico. Todos vós que podeis declarar isso e demonstrá-lo com base na fé dos evangelhos de milhões de anos da Gnosis original de Hermes, todos vós nos trazeis muita alegria! Esse grandioso e maravilhoso consolo chega até nós pela certeza de que a alma verdadeira é bem mais elevada e poderosa do que todos os destinos.

J. van Rijckenborgh